

Curso de Bacharelado em Biblioteconomia na Modalidade a Distância

Jonathas Luiz Carvalho Silva

Biblioteconomia e Interdisciplinaridade

Semestre

1



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



1920 | 2020

Rio de Janeiro
Faculdade de Administração
e Ciências Contábeis
Departamento
de Biblioteconomia

2018



Permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito ao autor e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Presidência da República

Ministério da Educação

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível

Superior (CAPES)

Diretoria de Educação a Distância (DED)

Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB)

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Núcleo de Educação a Distância (NEAD)

Faculdade de Administração e Ciências Contábeis (FACC)

Departamento de Biblioteconomia

Leitor

Gustavo Silva Saldanha

Comissão Técnica

Célia Regina Simonetti Barbalho

Helen Beatriz Frota Rozados

Henriette Ferreira Gomes

Marta Lígia Pomim Valentim

Comissão de Gerenciamento

Mariza Russo (in memoriam)

Ana Maria Ferreira de Carvalho

Maria José Veloso da Costa Santos

Nadir Ferreira Alves

Nysia Oliveira de Sá

Equipe de apoio

Eliana Taborda Garcia Santos

José Antonio Gameiro Salles

Maria Cristina Paiva

Miriam Ferreira Freire Dias

Rômulo Magnus de Melo

Solange de Souza Alves da Silva

Coordenação de

Desenvolvimento Instrucional

Cristine Costa Barreto

Desenvolvimento instrucional

Marcelo Franco Lustosa

Diagramação

Patrícia Seabra

Revisão da língua portuguesa

Patrícia Sotello

Projeto gráfico e capa

André Guimarães de Souza

Patrícia Seabra

Normalização

Dox Gestão da Informação

S586b Silva, Jonathas Luiz Carvalho.

Biblioteconomia e interdisciplinaridade / Jonathas Luiz Carvalho Silva ; [leitor] Gustavo Silva Saldanha. - Brasília, DF : CAPES : UAB ; Rio de Janeiro, RJ : Departamento de Biblioteconomia, FACC/UFRJ, 2018.

86 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-85229-02-3 (brochura)

ISBN 978-85-85229-03-0 (e-book)

1. Interdisciplinaridade. 2. Biblioteconomia. 3. Ciência da informação. I. Saldanha, Gustavo Silva. II. Título.

CDD 020.1

CDU 001.2

Catálogo na publicação por: Solange Souza CRB-7 / 6649

Caro Leitor,

A licença CC-BY-NC-AS, adotada pela UAB para os materiais didáticos do Projeto BibEaD, permite que outros remixem, adaptem e criem a partir destes materiais para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos. No interesse da excelência dos materiais didáticos que compõe o Curso Nacional de Biblioteconomia na modalidade a distância, foram empreendidos esforços de dezenas de autores de todas as regiões do Brasil, além de outros profissionais especialistas, no sentido de minimizar inconsistências e possíveis incorreções. Neste sentido asseguramos que serão bem recebidas sugestões de ajustes, de correções e de atualizações, caso seja identificada a necessidade destas pelos usuários do material hora apresentado.



LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – René Descartes	12
Figura 2 – Jean William Fritz Piaget	16
Figura 3 – Proposta de definição de multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.....	17
Figura 4 – José Ortega y Gasset	19
Figura 5 – Norbert Wiener	19
Figura 6 – Julius Robert Oppenheimer.....	20
Figura 7 – Dimensão da Biblioteconomia no contexto das Ciências Sociais Aplicadas.	38
Figura 8 – Dimensão da Biblioteconomia no contexto das Ciências Humanas.....	40
Figura 9 – Outras dimensões técnico-científicas da Biblioteconomia	41

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Conceitos de multi/pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.....	15
Quadro 2 – Conceitos e significados de interdisciplinaridade	20
Quadro 3 – Exemplos de práticas interdisciplinares	23
Quadro 4 – Conceitos de Biblioteconomia.....	32
Quadro 5 – Setores curriculares da Biblioteconomia e suas fronteiras disciplinares externas	52
Quadro 6 – Disciplinas de Formação Geral mais comuns, classificadas por área do conhecimento (fronteiras externas)	55
Quadro 7 – Currículos mínimos de Biblioteconomia de 1962 e 1982.....	56
Quadro 8 – Assuntos/disciplinas em comum entre Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia, Documentação e Ciência da Informação.....	59
Quadro 9 – Relações entre Biblioteconomia e Arquivologia: documento e informação	73
Quadro 10 – Relações potenciais entre Biblioteconomia e Museologia	77
Quadro 11 – Ideias de Gabriel Naudé, Melvil Dewey e Paul Otlet.....	87



SUMÁRIO

1	UNIDADE 1: DESMISTIFICANDO A INTERDISCIPLINARIDADE	9
1.1	OBJETIVO GERAL	9
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	9
1.3	INTRODUÇÃO	11
1.4	DESVENDANDO A INTERDISCIPLINARIDADE	11
1.4.1	Origens e conceitos de disciplinaridade e suas derivações	11
1.4.3	A interdisciplinaridade em foco	18
1.6	CONCLUSÃO	25
1.7	RESUMO	25
	INFORMAÇÕES PARA A PRÓXIMA UNIDADE	26
	REFERÊNCIAS	27
2	UNIDADE 2: É A BIBLIOTECONOMIA UMA CIÊNCIA COM PRÁTICAS E MODELOS INTERDISCIPLINARES?	29
2.1	OBJETIVO GERAL	29
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	29
2.3	INTRODUÇÃO	31
2.4	A INTERDISCIPLINARIDADE NA BIBLIOTECONOMIA: CONCEITOS, DIMENSÕES CIENTÍFICAS E PARADOXOS	31
2.4.1	Conceituando a Biblioteconomia	31
	<i>Lee Pierce Butler</i>	33
	<i>Samuel Clement Bradford</i>	33
	<i>José Domingo Buonocore</i>	33
	<i>Joseph Z. Nitecki</i>	33
	<i>Jesse Hauk Shera</i>	33
	<i>Edson Nery da Fonseca</i>	34
	<i>Yves-François Le Coadic</i>	34
	<i>Francisco das Chagas de Souza</i>	34
	<i>Maria das Graças Targino</i>	34
2.4.3	A dimensão da Biblioteconomia no contexto das Ciências Sociais Aplicadas	38
2.4.4	A dimensão da Biblioteconomia no contexto das Ciências Humanas	39
2.4.5	Outras dimensões técnico-científicas da Biblioteconomia	41
2.6	CONCLUSÃO	43
2.7	RESUMO	44
	INFORMAÇÕES PARA A PRÓXIMA UNIDADE	45
	REFERÊNCIAS	45
3	UNIDADE 3: FORMAÇÃO CURRICULAR EM BIBLIOTECONOMIA: PERSPECTIVAS DAS FRONTEIRAS DISCIPLINARES EXTERNAS E INTERNAS	47
3.1	OBJETIVO GERAL	47
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	47

3.3	INTRODUÇÃO	49
3.4	O CURRÍCULO DE BIBLIOTECONOMIA: FRONTEIRAS EXTERNAS E INTERNAS NA FORMAÇÃO DAS DISCIPLINAS.....	49
3.4.1	Fronteiras externas da formação geral das disciplinas do currículo de Biblioteconomia.....	50
3.4.3	Fronteiras internas da formação específica das disciplinas do currículo de Biblioteconomia.....	59
3.6	CONCLUSÃO	62
3.7	RESUMO	63
	INFORMAÇÕES PARA A PRÓXIMA UNIDADE.....	64
	REFERÊNCIAS.....	64
4	UNIDADE 4: O CAMPO BIBLIOTECONÔMICO-INFORMACIONAL E SUAS RELAÇÕES COM A ARQUIVOLOGIA E A MUSEOLOGIA	67
4.1	OBJETIVO GERAL	67
4.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	67
4.3	INTRODUÇÃO	69
4.4	RELAÇÕES HISTÓRICAS NO CAMPO DA INFORMAÇÃO: BIBLIOTECONOMIA, ARQUIVOLOGIA E MUSEOLOGIA	69
4.4.1	Relações entre Biblioteconomia e Arquivologia	70
4.4.3	Relações entre Biblioteconomia e Museologia.....	75
4.6	CONCLUSÃO	79
4.7	RESUMO	80
	INFORMAÇÕES PARA A PRÓXIMA UNIDADE.....	81
	REFERÊNCIAS.....	81
5	UNIDADE 5: O CAMPO BIBLIOTECONÔMICO-INFORMACIONAL E SUAS RELAÇÕES COM A DOCUMENTAÇÃO E A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	83
5.1	OBJETIVO GERAL	83
5.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	83
5.3	INTRODUÇÃO	85
5.4	RELAÇÕES ENTRE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO.....	85
5.5	RELAÇÕES ENTRE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	89
5.7	CONCLUSÃO	95
5.8	RESUMO	96
	REFERÊNCIAS.....	97

UNIDADE 1

DESMISTIFICANDO A INTERDISCIPLINARIDADE

1.1 OBJETIVO GERAL

Descrever os fundamentos conceituais da disciplinaridade e suas derivações denominadas de multi ou pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta Unidade, você seja capaz de:

- a) conceituar “disciplinaridade” considerando suas derivações “pluridisciplinaridade”, “interdisciplinaridade” e “transdisciplinaridade”;
 - b) identificar os aspectos que justificam e caracterizam práticas interdisciplinares.
-



1.3 INTRODUÇÃO

Os séculos XIX e XX apresentam novas possibilidades de conhecer objetos e fenômenos a partir de um olhar mais especializado e fragmentário da realidade. Este olhar gerou um conjunto de críticas de estudiosos como Oppenheimer (1957), Ortega y Gasset (1962), Snow (1959) e Wiener (1967) de que é necessário um olhar mais integrador e consistente do conhecimento a partir da aproximação dialógica entre as áreas do conhecimento.

Nesse contexto, surge o movimento da interdisciplinaridade no século XX, visando estabelecer uma visão mais agregadora em termos de coordenação, combinação/integração e fusão das disciplinas, promovendo uma visão mais totalizadora destas sobre a realidade social.

No entanto, o conceito de interdisciplinaridade caiu em um modismo exacerbado, sendo pertinente, neste curso, a discussão sobre o conceito de disciplinaridade e suas derivações (multi ou pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade). Faremos isso, neste primeiro momento, para embasar o diálogo entre interdisciplinaridade e Biblioteconomia, tema desta disciplina.

Nos próximos tópicos, desenvolveremos e aprofundaremos a ideia de disciplinaridade e suas derivações, de modo que você alcance os objetivos estabelecidos.



1.4 DESVENDANDO A INTERDISCIPLINARIDADE

O conceito de interdisciplinaridade é um dos que mais têm gerado discussões nos meios acadêmicos durante a segunda metade do século XX e as primeiras décadas do século XXI. Neste caso, é interessante conhecer os indícios que originaram e tornaram a interdisciplinaridade um conceito muito abordado e relevante nas teorias e práticas acadêmicas contemporâneas.

1.4.1 Origens e conceitos de disciplinaridade e suas derivações

Os estudos sobre disciplinaridade e suas derivações têm grande relevância teórica e prática no meio acadêmico e científico em virtude de aspectos como a pluralidade de áreas do conhecimento que promoveram profundas especializações do saber.

A ideia de disciplinaridade mostra que o conhecimento é permanentemente construído e especializado, visando à exploração, compreensão e/ou solução de problemas específicos do meio social. Quando se refere ao conceito de disciplina, Japiassu (1976, p. 61) afirma que é uma “[...] pro-

gressiva exploração científica especializada numa certa área ou domínio homogêneo de estudo”.

Essa progressiva exploração científica do conhecimento estimula o surgimento das especializações do conhecimento e diálogos disciplinares entre essas especializações, fomentando o desenvolvimento de derivações como a multidisciplinaridade ou pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, já que estes domínios de estudos especializados não são isolados e apresentam relações diversas entre si.

A ideia de disciplinaridade foi dominante nos discursos científicos até o século XVIII, preconizando a autonomia das disciplinas e as especializações do conhecimento, que trouxeram avanços para o pensamento científico da época.

Um dos principais representantes da corrente disciplinar da Ciência Moderna foi Descartes (1596-1650).

Descartes estabeleceu alguns princípios a partir de três pressupostos principais:

- a) a construção de um método único para explicação dos fenômenos, vislumbrando a produção de uma verdade única sobre o fenômeno investigado;
- b) a especialização do conhecimento científico;
- c) a dualidade de substâncias de natureza distinta: física (*res extensa*) e mental (*res cogitans*).

Em primeiro lugar, na obra *Princípios da Filosofia*, Descartes (2002) destaca que a filosofia é como uma árvore cujas raízes são a metafísica; o tronco, a física; e os ramos que daí saem, todas as outras ciências. Tais ciências se reduzem a três principais, a saber: a medicina, a mecânica e a moral. A mais elevada e mais perfeita é a moral, que pressupõe o inteiro conhecimento das outras ciências, o último grau da sabedoria.

Nesse aspecto, *Descartes* fundamenta sua teoria a partir de uma hierarquização do conhecimento tomando algumas disciplinas como base para a explicação da realidade. Segundo essa teoria, o surgimento e o desenvolvimento das demais disciplinas advêm dessas disciplinas primárias.

Em segundo lugar, discursando sobre a produção do conhecimento, na obra *O discurso do método*, Descartes (1979) revela que se deve:

- a) não aceitar nada como verdadeiro que não esteja presente à mente de modo tão claro e distinto que não haja razão para a dúvida;
- b) fragmentar os problemas em muitos problemas menores, tantos quanto forem possíveis;
- c) começar pelo que é mais simples e facilmente compreendido e, com base nisso, ir construindo o raciocínio gradativamente até assuntos mais amplos e mais complexos;
- d) revisar toda a corrente de raciocínio para garantir que nada foi omitido.

Já nesse aspecto, *Descartes* menciona a constituição de um método único para explicar a realidade e conhecer a verdade diante dos vieses científicos em geral, estabelecendo uma espécie de unidade do saber.

René Descartes – (Figura 1) nasceu na cidade de La Haye (França) em 1596 e morreu na cidade de Estocolmo (Suécia) em 1650. Foi um importante filósofo, matemático e físico do século XVII, sendo considerado o pioneiro no pensamento filosófico moderno. Fez estudos nas áreas da Epistemologia e Metafísica. Suas principais realizações foram: a união entre os estudos da Álgebra e Geometria, criando a Geometria Analítica; o desenvolvimento do Sistema de Coordenadas, também conhecido como Plano Cartesiano e a criação do Método Cartesiano.

Figura 1 – René Descartes



Fonte: Wikimedia Commons (16--?).¹

¹ Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/Ren%C3%A9_Descartes#/media/File:Frans_Hals_-_Portret_van_Ren%C3%A9_Descartes.jpg>.

Por um lado, a disciplinaridade concedeu muitas contribuições durante os séculos XVII e XVIII, principalmente pela expressiva especialização do saber que permitiu a ramificação do conhecimento. Como afirma Bachelard (1972, p. 55):

[...] é preciso viver o nosso tempo, é preciso viver a atualidade da ciência de hoje, mas é preciso reconhecer que a especialização, afirmo-o, é uma necessidade: é uma bem-aventurada necessidade! É a especialização que dá tono racionalista! É ela que cria um espírito vigoroso! É ela que vos dá a segurança de hoje estarmos no eixo de ontem.

Por outro lado, a expressiva especialização do conhecimento trouxe vários questionamentos nos séculos seguintes acerca da falta de diálogo entre as disciplinas do conhecimento. Em outras palavras, as formas plurais de desenvolvimento da ciência (nos séculos XIX e XX) e da sociedade agregaram novas ideias sobre as perspectivas de relações entre as áreas do conhecimento científico para a solução dos diversos problemas de cunho social e natural, questionando o paradigma da disciplinaridade.

Um conjunto de estudiosos se destaca como críticos à ideia de disciplinaridade, propondo novas alternativas no que tange ao desenvolvimento científico-social das disciplinas, como Morin (1997), Kuhn (1975), Habermas (1987) e Feyerabend (1977), entre outros.

Morin (1997) revela a necessidade de abandonar e superar o modelo de disciplinaridade na prática científica e social por ter esgotado todos os seus recursos, em especial, por estar centrado na autonomia disciplinar em si, inibindo as relações entre as disciplinas.

Em tese, o modelo da disciplinaridade seria superado por uma prática mais complexa que aproximasse as concepções científica e social apresentadas na construção histórica. Kuhn (1975) retrata a necessidade de legitimação das concepções da ciência primando por uma ideia integradora e histórica entre disciplinas. O autor revela que se a história fosse vista como um repositório para algo mais do que anedotas ou cronologias, poderia produzir uma transformação decisiva na imagem de ciência que atualmente nos domina (KUHN, 1975).

A prática disciplinar mediante uma visão dialógica, articuladora, integradora e historicista entre ciência e sociedade busca a produção das seguintes concepções, a saber:

- a) a autonomia da ciência, embora relevante, deve ser pensada a partir da flexibilização das fronteiras disciplinares, possibilitando um diálogo mais concreto e aplicativo entre as disciplinas;
- b) as fronteiras disciplinares, por tornarem-se mais frouxas e dialógicas, permitem práticas relacionais horizontais, de modo que, ao mesmo tempo que respeitam as diferenças entre as disciplinas, mostram como podem produzir efeitos para resolver problemas sociais de maneira integrada;
- c) o diálogo, a articulação e a conexão entre as disciplinas transformam fragmentos disciplinares em práticas interdisciplinares, visto que determinados problemas ou objetos não são contemplados apenas por uma resposta de uma só área, mas envolvem o conjunto de



contribuições das disciplinas que se relacionam para responder uma questão central (HABERMAS, 1987);

- d) “todas as metodologias, mesmo as mais óbvias, têm limitações” (FEYERABEND, 1977, p. 43), significando dizer que as disciplinas possuem visões epistemológicas específicas, sendo necessária a construção de um pluralismo metodológico que explique de maneira mais completa os fenômenos estudados.

Desse modo, a complexidade dos problemas sociais e a pluralidade do olhar científico sobre a realidade social questionam o paradigma da disciplinaridade e demandam a construção conceitual de práticas mais relacionais entre as disciplinas, que caracterizam a multidisciplinaridade (ou “pluridisciplinaridade”), interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Pombo (2008, p. 3) explicita a ideia de multidisciplinaridade (ou “pluridisciplinaridade”), interdisciplinaridade e transdisciplinaridade da seguinte forma:

Olga Maria Pombo Martins – Doutora em História e Filosofia da Educação (1998) pela **Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (FCUL)** com a apresentação e defesa de tese intitulada **Unidade da Ciência e Configuração Disciplinar dos Saberes**. Possui como áreas de interesse: Filosofia das Ciências, Interdisciplinaridade e Unidade da Ciência, Filosofia da Imagem, Filosofia da Linguagem, Ensino de Filosofia, entre outras.

Quando estivessemos a falar de pluridisciplinaridade ou de multidisciplinaridade, estaríamos a pensar naquele primeiro nível que implica pôr em paralelo, estabelecer algum mínimo de coordenação. A interdisciplinaridade, pelo seu lado, já exigiria uma convergência de pontos de vista. Quanto à transdisciplinaridade, ela remeteria para qualquer coisa da ordem da fusão unificadora, solução final que, conforme as circunstâncias concretas e o campo específico de aplicação, pode ser desejável ou não.

Seguindo esse pensamento, a multidisciplinaridade (ou “pluridisciplinaridade”) significa uma relação inicial entre disciplinas sem modificar a composição teórico-prática destas, chamada “paralelismo pluridisciplinar”. Neste caso, as disciplinas possuem algum tipo de relação indireta ou direta, mas estas relações preservam a autonomia e originalidade de cada disciplina envolvida.

A interdisciplinaridade é estruturada como uma aproximação mais concreta entre disciplinas no sentido de mostrar perspectivas e convergências entre elas. Nesse sentido, uma disciplina pode interferir diretamente nos rumos e nas formas de atuação da outra pelas perspectivas e convergências de coexistência. Exemplo de prática interdisciplinar: o olhar sobre usuários da informação em bibliotecas a partir de uma integração entre os pressupostos da Psicologia e da Biblioteconomia/Ciência da Informação. A Psicologia com suas teorias diversas, como a comportamental (behaviorista) ou a Psicologia Social, para auxiliar na compreensão de como os usuários acessam a informação e a Biblioteconomia/Ciência da Informação, com seus pressupostos sobre estudos de usuários da informação, permitem uma relação entre as disciplinas – via práticas de ensino, pesquisa, extensão, estágios e atividades profissionais – a fim de compreender de forma dinâmica e plural os aspectos que norteiam usuários da informação em bibliotecas.

Já a transdisciplinaridade é o momento mais complexo das práticas disciplinares por envolver um processo de fusão, unificação ou criação de nova disciplina a partir das profundas relações entre disciplinas e os saberes em comum que as constituem. Exemplo de prática transdisciplinar: como o setor de pesquisa “gestão da informação” é visto de forma

integrada pelas visões da Biblioteconomia e da Arquivologia (reconhecendo semelhanças, diferenças e particularidades das disciplinas). Tal integração gera novas práticas de ensino, pesquisa, extensão, conhecimento, ação profissional e inovação em comum entre as disciplinas mencionadas, fortalecendo um olhar mais consistente e aplicativo sobre a gestão da informação.

A transdisciplinaridade é entendida aqui a partir de dois aspectos:

- a) unificação de duas ou mais disciplinas que permitem a construção de um pensamento sistemático e uma visão unitária de um setor do saber (POMBO, 1994);
- b) a transformação ou passagem da relação íntima de um conjunto de disciplinas para uma nova disciplina a partir da prática transdisciplinar. Isto é, duas ou mais disciplinas permitem a passagem para a constituição de uma nova disciplina com teor agregado das disciplinas envolvidas. Porém, a passagem para uma nova disciplina não significa que as outras deixam de existir. Pelo contrário, elas se fortalecem, já que uma fusão ou unificação disciplinar envolve uma concepção não mais de uma simples especialidade do conhecimento, mas de um olhar mais consistente e integrado sobre um objeto ou campo do conhecimento.

A transdisciplinaridade como fenômeno de fusão e unificação de saberes é o ponto culminante das práticas disciplinares, pois integra a base histórica e prática da consolidação disciplinar de saberes, promovendo novas condutas com relações mais sólidas entre as especialidades do conhecimento.

O quadro a seguir indica alguns conceitos de multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, a fim de expor com clareza os conceitos sobre o assunto:

Quadro 1 – Conceitos de multi/pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade

(continua)

Disciplinaridade	Autor	Conceito	Ano	País
Multi/pluri	<u>Delattre</u>	Associação de disciplinas que concorrem para uma realização comum, mas sem que cada disciplina tenha que modificar sensivelmente a sua própria visão das coisas e os seus métodos próprios.	1973	França
	<i>Olga Pombo</i>	Pôr em paralelo, estabelecer algum mínimo de coordenação entre disciplinas.	1994	Portugal

Pierre Delattre – (1926-1985), físico e biólogo francês, foi um estudioso da epistemologia no âmbito da teoria de sistemas. É autor de obras como **Systeme, Structure, Fonction, Evolution: essai d'analyse épistémologique (Sistema, Estrutura, Função e Evolução: teste de análise epistemológica)**, publicada em 1971.

² Autor: Bert Verhoeff (ANEFO). Disponível em: <<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:JeanPiaget.jpg>>.

Hilton Japiassú – (1934-2015) é brasileiro, nascido no Maranhão, com formação em Filosofia. Atuou como professor e pesquisador na **Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) (1975-1985)** e na **Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)** (a partir de 1978). Teve várias obras publicadas e reconhecidas nacional e internacionalmente, tais como: **Introdução ao Pensamento Epistemológico; O Mito da Neutralidade Científica; e Interdisciplinaridade e Patologia do Saber.**

Jean William Fritz Piaget – (1896-1980) (Figura 2) foi um epistemólogo e biólogo suíço com uma grande densidade de pesquisas e construções teóricas, como a teoria dos estágios, epistemologia genética e a teoria da aprendizagem construtivista. As teorias de **Piaget** possuem grande importância na Psicologia, Educação, Computação, Sociologia, Linguística, Comunicação, Ciência da Informação, entre outras.

Figura 2 – Jean William Fritz Piaget



Fonte: *Wikimedia Commons* (2015).²

(conclusão)

Disciplinaridade	Autor	Conceito	Ano	País
Inter	<u>Hilton Japiassú</u>	Intercomunicação entre as disciplinas, de modo que resulte uma modificação entre elas, através de diálogo compreensível, uma vez que a simples troca de informações entre organizações disciplinares não constitui um método interdisciplinar.	1976	Brasil
Trans	<i>Olga Pombo</i>	[...] unificação de duas ou mais disciplinas tendo por base a explicitação dos seus fundamentos comuns, a construção de uma linguagem comum, a identificação de estruturas e mecanismos comuns de compreensão do real, a formulação de uma visão unitária e sistemática de um setor mais ou menos alargado do saber.	1994	Portugal
	<u>Piaget</u>	Uma etapa superior que sucede as relações pluridisciplinares e interdisciplinares a partir de um discurso integrado e unificado de disciplinas.	1972	França

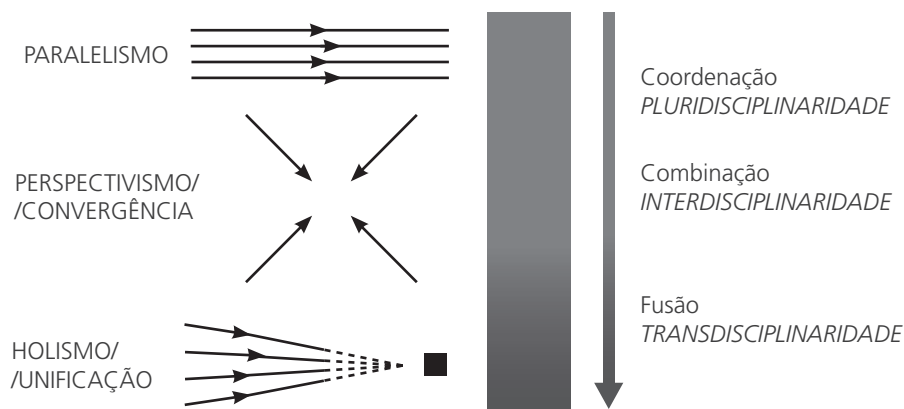
Fonte: adaptado de Delattre (1973), Japiassú (1976), Piaget (1972) e Pombo (1994; 2003).

Diante do quadro exposto, vale afirmar que a ideia de multi ou pluri disciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade deve ser compreendida como um processo de construção e transformação de saberes considerando os fundamentos teórico-práticos, linguagens e compreensões da realidade em comum entre disciplinas.

Esse processo, conforme ressalta Pombo (2008), possui uma continuidade e aumento de intensidade que vai da coordenação (multi ou pluridisciplinaridade) à combinação (interdisciplinaridade) e, por fim, à fusão (transdisciplinaridade). Evidentemente toda prática multi ou pluridisciplinar não necessariamente se tornará interdisciplinar ou transdisciplinar. Mas observar a prática disciplinar e suas derivações como processos de continuidade e aumento de intensidade permite um olhar mais potencializador e dinâmico de como disciplinas podem se combinar, integrar e fundir.

A Figura 3 a seguir mostra o processo disciplinar estabelecido por Pombo (2008) na condição de continuidade e aumento de intensidade:

Figura 3 – Proposta de definição de multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade



Fonte: Pombo (2008).

A lógica é que se as três palavras multi/pluri, inter e transdisciplinaridade são pertencentes à mesma família, o ideal é compreendê-las como processos continuados e intensificados nas práticas de relação entre as disciplinas por meio das dinâmicas paralelismo-coordenação (multi/pluridisciplinaridade), perspectivismo/convergência-combinação (interdisciplinaridade) e holismo/unificação-fusão (transdisciplinaridade), que facilitam a compreensão de uma visão de um todo disciplinar (holismo disciplinar).

Como foi possível observar, a concepção de multi ou pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade é vista como um processo de complemento e maturação das práticas entre disciplinas, aperfeiçoando fundamentos teóricos, práticos e linguagens em comum.



1.4.2 Atividade

(Atende ao objetivo “a”)

Analise a declaração de Pombo (2008, p. 3) sobre os significados de multi (ou pluri), inter e transdisciplinaridade:

A ideia é a de que as tais três palavras, todas da mesma família, devem ser pensadas num *continuum* que vai da coordenação à combinação e desta à fusão. Se juntarmos a esta continuidade de forma um *crescendum* de intensidade, teremos qualquer coisa deste gênero: do paralelismo pluridisciplinar ao perspectivismo e convergência interdisciplinar e, desta, ao holismo e unificação transdisciplinar.

Diante do que foi exposto, como você percebe a proposição de Pombo (2008) referente à ideia de multi (ou pluri), inter e transdisciplinaridade? Fique à vontade para mostrar pontos de convergência, divergência ou complemento ao pensamento da autora.

Resposta comentada

Espera-se que você compreenda as relações e diferenças entre multi ou pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, reconhecendo as particularidades de cada segmento disciplinar e suas aplicações na educação e produção do conhecimento.

Para fins de síntese: a pluridisciplinaridade é entendida como uma **coordenação**, sendo a primeira etapa da atividade entre disciplinas (agem paralelamente entre si sem haver uma concreta modificação no fazer das disciplinas).

A interdisciplinaridade é entendida como uma **combinação**, sendo a segunda etapa da atividade entre disciplinas (agem como perspectivas e convergências em que as disciplinas se integram e contribuem entre si de forma recíproca).

A transdisciplinaridade é entendida como a **fusão**, sendo a terceira etapa da atividade entre disciplinas (momento de unificação disciplinar, superando o isolamento das especialidades disciplinares e promovendo um olhar mais holístico).

1.4.3 A interdisciplinaridade em foco

A partir de agora, nos dedicaremos com mais ênfase à interdisciplinaridade, contemplando a carga conceitual e origem do termo, visto que a prática interdisciplinar possui um reconhecido papel nos processos de produção acadêmica, científica e profissional.

E o que podemos entender por interdisciplinaridade? Uma das grandes estudiosas brasileiras sobre o assunto, *Ivani Fazenda*, revela que:

Interdisciplinaridade não é categoria de conhecimento, mas de ação; a interdisciplinaridade nos conduz a um exercício de conhecimento: o perguntar e o duvidar; interdisciplinaridade é a arte do tecido que nunca deixa ocorrer o divórcio entre seus elementos, entretanto, de um tecido bem trançado e flexível. A interdisciplinaridade se desenvolve a partir do desenvolvimento das próprias disciplinas (FAZENDA, 1994, p. 28).

A interdisciplinaridade possui algumas características, tais como:

- a) é constituída a partir de ações no âmbito do ensino de forma integrada com ações de pesquisa, extensão, inovação e outras dinâmicas educacionais, considerando perspectivas e convergências em comum entre disciplinas do conhecimento;
- b) é realizada no contexto do questionamento cooperativo e convergente entre disciplinas como um exercício crítico de compreensão da realidade de ação das disciplinas;
- c) reconhece perspectivas históricas de ação das disciplinas relacionando passado-presente e traçando condições em comum entre disciplinas para o futuro;

- d) identifica o papel cultural e político de alunos, professores, gestores e outros sujeitos componentes nas disciplinas, reconhecendo perspectivas para condução a um exercício dialógico e crítico do conhecimento. Por isso, a interdisciplinaridade é uma categoria de ação, pois ocorre a partir das práticas de relação entre sujeitos, buscando a construção de novos conhecimentos e o aprimoramento das práticas de ensino-aprendizagem;
- e) busca a formação de novas competências que fortaleçam as relações sociais no ambiente educacional, tais como: competências éticas (saberes científicos, críticos e didáticos); competências relacionais (saberes e o fazer pedagógico); e competências organizacionais (CHANTRAINE-DEMAILLY, 1995);
- f) parte de um planejamento que envolve três aspectos: necessidade (reconhecimento dos aspectos mais relevantes e estratégicos para construção do conhecimento e aprimoramento das práticas pedagógicas disciplinares), intenção (procedimentos e perspectivas em comum entre disciplinas) e cooperação (momento de exposições e confrontações disciplinares, de questionar a realidade a fim de rever ou aprimorar os fazeres disciplinares (FAZENDA, 2001);
- g) é um movimento prático que busca satisfazer o cotidiano do fazer pedagógico, possibilitando formas didáticas e éticas de construção do conhecimento.

Diante das características mencionadas, o movimento da interdisciplinaridade surge como uma crítica à intensa especialização do saber concretizada no século XIX e o continuado isolamento dessas especialidades favorecendo uma visão mais reduzida da realidade. O olhar do especialista isolado traz uma visão muito específica de mundo, enquanto um olhar relacional, combinador, cooperativo e perspectivo entre especialistas produz meios para um olhar mais amplo da realidade.

A crítica ao olhar isolado das especialidades é muito contundente em estudiosos como *Ortega y Gasset*, *Wiener*, *Oppenheimer* e *Snow*.

Ortega y Gasset, no livro *La Rebelion de las Massas* (obra original de 1929), afirma que o especialista não pode ser considerado nem um sábio e nem um ignorante, mas um sábio-ignorante, pois significa que é um senhor que se comporta em todas as questões que ignora, não como um ignorante, mas com toda a petulância de quem, em toda sua especialidade, é um sábio (ORTEGA Y GASSET, 1962).

Wiener (obra original de 1948) destaca a dificuldade em definir um especialista, pois está mergulhado no jargão do campo, conhecendo toda a literatura e ramificações do campo, mas [...]

[...] olhará para o campo vizinho como qualquer coisa que pertence ao seu colega três portas abaixo no corredor e considerará mesmo que qualquer manifestação de interesse da sua parte corresponderia a uma indesculpável quebra de privacidade (WIENER, 1967, p. 2).

³ Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Jos%C3%A9_Ortega_y_Gasset#/media/File:Jose_Ortega_y_Gasset.jpg>.

⁴ Autor: *Konrad Jacobs*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Norbert_Wiener#/media/File:Norbert_wiener.jpg>.

José Ortega y Gasset – (1883-1955) (Figura 4) foi um filósofo, ensaísta e jornalista espanhol. Seu livro ***A Rebelião das Massas*** (1929) retrata as múltiplas transformações sociais no século XX, principalmente no continente europeu, com base no processo de crescimento e aglomeração das massas urbanas, abordando temas de grande relevância, como história, Estado, nação, poder, comunidade; e algumas dualidades, como guerra-pacifismo e masculino-feminino.

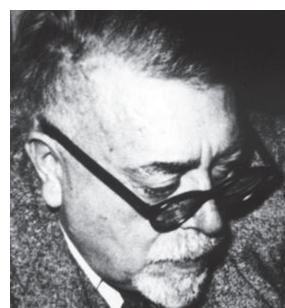
Figura 4 – José Ortega y Gasset



Fonte: *Wikimedia Commons* (2006).³

Norbert Wiener – (1894-1964) (Figura 5) foi um matemático e estudioso do ***Massachusetts Institute of Technology*** (**MIT**), criador da Cibernética, que consiste no estudo sobre as funções humanas no âmbito do controle dos sistemas eletrônicos e mecânicos, ou seja, estuda as relações entre seres humanos e máquinas, compreendendo a informação como fenômeno quantitativo de grande relevância como sistema de transferência e controle.

Figura 5 – Norbert Wiener



Fonte: *Wikipédia* (2009).⁴

Julius Robert Oppenheimer – (1904-1967) (Figura 6) foi um físico estadunidense, sendo expressivo estudioso da energia atômica e bastante conceituado por dirigir o projeto Manhattan para o desenvolvimento da bomba atômica durante a Segunda Guerra Mundial.

Figura 6 – Julius Robert Oppenheimer



Fonte: Wikipédia (2005).⁵

Oppenheimer (obra original de 1955) faz uma crítica ao excesso de especialidade afirmando que o conhecimento científico hoje não se traduz num enriquecimento da cultura geral, mas, ao contrário, é posse de comunidades altamente especializadas. O conhecimento científico não faz parte do entendimento humano comum. Além disso, há disciplinas especializadas que se desenvolveram como os dedos das mãos: unidos na origem, mas já sem contato (OPPENHEIMER, 1957).

Snow é considerado um dos grandes precursores da ideia de interdisciplinaridade. No seu livro *As Duas Culturas*, Snow (1959, p. 4) denuncia o isolamento disciplinar causado pela excessiva especialidade da ciência em que há “de um lado, os intelectuais literatos; do outro, os cientistas. Entre os dois um hiato mútuo de incompreensão e, às vezes, particularmente entre os jovens, de hostilidade”. Snow prega a necessidade de uma aproximação mais concreta entre ciências naturais e sociais, podendo essa aproximação ser efetivada na prática pela via interdisciplinar.

Assim, o movimento da interdisciplinaridade ganha força contra a especialização exacerbada da ciência. Silva (2013) afirma que a interdisciplinaridade tem forte apelo no meio acadêmico, que se deve ao movimento de professores e estudantes que começa a se estabelecer na década de 1960 na Europa (principalmente na França e Itália), em que as discussões giravam em torno de uma nova proposta para a educação, apresentando como exemplos exponenciais os estudos de Gusdorf (1967), Kapp (1961), Palmade (1979), Piaget (1972), Snow (1959) e Vygotsky (1986).

O quadro a seguir indica alguns conceitos/significados de interdisciplinaridade de autores nacionais e internacionais a fim de esclarecer concepções diversas do termo:

Quadro 2 – Conceitos e significados de interdisciplinaridade

(continua)

Expressões	Significados	Ano	País
<i>Georges Gusdorf</i>	A ideia de interdisciplinaridade é uma ameaça à autonomia dos especialistas, vítimas de uma restrição do seu campo mental.	1953	França
<i>Jean Piaget</i>	Intercâmbio mútuo e integração recíproca entre várias disciplinas tendo como resultado um enriquecimento recíproco.	1972	França

⁵ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Robert_Oppenheimer#/media/File:JROppenheimer-LosAlamos.jpg>

(continua)

Expressões	Significados	Ano	País
Heinz Heckhausen	“Interdisciplinaridade auxiliar” – o emprego de métodos que provêm de uma disciplinaridade cruzada leva a criar séries de interdisciplinaridades auxiliares.	1972	Alemanha
	“Interdisciplinaridade complementar” – os domínios materiais de certas disciplinas se cobrem parcialmente, criando assim relações complementares entre os seus respectivos campos de estudo.		
	“Interdisciplinaridade compósita ou em elaboração” – o que une disciplinas tão diversas é a necessidade imperiosa de encontrar soluções técnicas para a resolução de problemas que resistem às contingências históricas em constante evolução.		
	“Interdisciplinaridade heterogênea” – pertencem a esse domínio os diversos esforços de caráter enciclopédico. Pode também ser chamada de multidisciplinaridade.		
	“Interdisciplinaridade unificadora” – procede de uma coerência estreita dos domínios do estudo das disciplinas que resulta de uma aproximação dos níveis de integração teórica e dos métodos correspondentes.		
	“Pseudointerdisciplinaridade” – a transdisciplinaridade dos instrumentos de análise – modelos matemáticos, simulações por computador etc. – tem conduzido à ideia audaz, mas errônea, de que poderia estabelecer-se uma interdisciplinaridade intrínseca entre as disciplinas que recorrem aos mesmos instrumentos de análise.		
Marcel Boisot	“Interdisciplinaridade estrutural” – as interações entre duas ou várias disciplinas levam à criação de um corpo de novas leis que formam a estrutura básica de uma disciplina original não redutível à reunião formal daquelas que lhes deram origem.	1972	França
	“Interdisciplinaridade linear” – uma lei de uma disciplina transfere-se para outra por um processo de extensão. Quando, numa disciplina, um fenômeno não explicado pelas leis desta é explicado por uma lei tomada de outra, existe interdisciplinaridade linear.		
	“Interdisciplinaridade restritiva” – o campo da aplicação de cada disciplina posta em jogo por um objetivo definido está restrito pelas outras. Cada disciplina atua como restritiva das demais ao impor-lhes fins técnicos, econômicos e humanos. Não há, no entanto, modificações estruturais das disciplinas contíguas.		



(conclusão)

Expressões	Significados	Ano	País
<i>Hilton Japiassú</i>	Intercomunicação entre as disciplinas, de modo que resulte uma modificação entre elas, por meio de diálogo compreensível, uma vez que a simples troca de informações entre organizações disciplinares não constitui um método interdisciplinar.	1976	Brasil
<i>Jean Luc Marion</i>	Cooperação de várias disciplinas no exame do mesmo objeto.	1978	França
<i>Palmade</i>	Integração interna e de concepção que rompe a estrutura de cada disciplina para construir novos axiomas com vistas a estabelecer uma visão unitária do saber.	1979	Espanha
	“Codisciplinaridade” – conjunto das concepções que permitem unificar o conhecimento das diferentes disciplinas mantendo a originalidade de cada uma delas.		
	“Interdisciplinaridade de engrenagem” – ocorre quando os objetos de uma disciplina são constituídos pela estrutura global das relações entre os objetos de outra disciplina.		
<i>Ivani Fazenda</i>	Uma relação de reciprocidade, de mutualidade, que pressupõe uma atitude diferente a ser assumida frente ao problema de conhecimento, ou seja, é a substituição da concepção fragmentária para a unitária do ser humano.	1979	Brasil
<i>Moacir Gadotti</i>	A interdisciplinaridade tem como finalidade superar a fragmentação e o caráter de especialização do conhecimento, causados por uma epistemologia de tendência positivista em cujas raízes estão o empirismo, o naturalismo e o mecanicismo científico do início da modernidade. A interdisciplinaridade deve ser vista não somente como fenômeno epistemológico e pedagógico, mas também político e cultural, haja vista que está relacionada aos diversos contextos da humanidade.	2004	Brasil

Fonte: baseado em Boisot (1972), Fazenda (1979), Gadotti (2004), Gusdorf (1953), Heckhausen (1972), Japiassú (1976), Palmade (1979), Piaget (1972).

Gusdorf é um dos grandes precursores da prática interdisciplinar. Ele elaborou, na década de 1960, um projeto de interdisciplinaridade especialmente voltado para as ciências humanas, em parceria com a *Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)*.

A partir das ideias de *Gusdorf*, há ampla disseminação do conceito de interdisciplinaridade em nível global. No Brasil, há forte influência de *Gusdorf* no pensamento de Fazenda (1979) e Japiassú (1976), sendo o conceito de interdisciplinaridade concebido como conjunto de práticas de comunicação, integração, reciprocidade, cooperação, perspectiva e convergência entre disciplinas, visando uma visão mais consistente da realidade e do próprio conhecimento, superando a noção de concepção fragmentária do saber.

O conceito e a concepção de prática interdisciplinar superam a concepção fragmentária do saber por ver uma associação disciplinar que é comunicativa, integradora, recíproca, cooperativa, perspectiva e convergente, concreta nas práticas cotidianas das disciplinas.

O quadro que segue revela exemplos de práticas interdisciplinares que podem ser construídas em diversos ambientes educacionais:

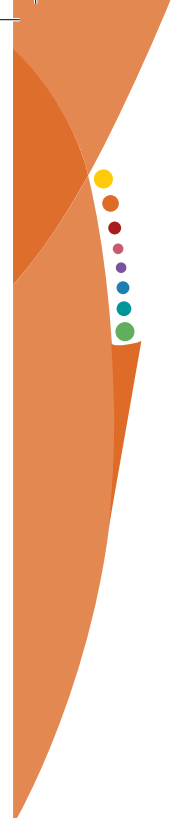
Quadro 3 – Exemplos de práticas interdisciplinares

Disciplinas	Procedimento	Ambiente de aplicação	Modalidade
<p>Educação física</p> <p>↕</p> <p>História</p>	<p>Estudos e práticas sobre história dos esportes</p> <p>↕</p> <p>Contribuição da prática de exercícios físicos para a história humana</p>	<p>Escolas</p> <p>Universidades</p> <p>Instituições de pesquisa</p>	<p>Ensino</p> <p>Pesquisa</p> <p>Extensão</p> <p>Inovação</p>
<p>Computação, Engenharia da Computação</p> <p>↕</p> <p>Educação</p>	<p>Criação e proposição de produtos tecnológicos para otimização das práticas educacionais</p> <p>↕</p> <p>Proposição de como as teorias e práticas educacionais podem dinamizar o desenvolvimento de tecnologias interativas</p>	<p>Escolas</p> <p>Universidades</p> <p>Instituições de pesquisa, ciência e tecnologia</p> <p>Mercado de trabalho</p>	<p>Ensino</p> <p>Pesquisa</p> <p>Extensão</p> <p>Inovação</p>
<p>Medicina e outros campos da Saúde</p> <p>↕</p> <p>Farmácia</p>	<p>Identificação, reconhecimento e construção de procedimentos de cura para doenças</p> <p>↕</p> <p>Criação de remédios e substâncias para cura, prevenção ou estabilização de doenças</p>	<p>Universidades</p> <p>Instituições de pesquisa, ciência e tecnologia</p>	<p>Pesquisa</p> <p>Inovação</p>

Fonte: produção do próprio autor (2017).

Os exemplos expostos demonstram várias características da interdisciplinaridade, a saber:

- a) a interdisciplinaridade pode ocorrer entre duas ou mais disciplinas, sendo o determinante na prática interdisciplinar as perspectivas e cooperações recíprocas entre as disciplinas;
- b) a interdisciplinaridade deve ocorrer entre diferentes áreas do conhecimento, incluindo entre as ciências naturais e ciências humanas, reconhecendo que o conhecimento que é científico-natural também tem características científico-sociais e vice-versa;

- 
- c) a interdisciplinaridade pode ter aplicações diversas dependendo de como a comunidade pertencente às disciplinas desenvolvem relações e fundamentos em comum;
 - d) a interdisciplinaridade pode ser aplicada em ambientes diversos como escolas, universidades, instituições de pesquisa, ciência e tecnologia, mercado de trabalho e até nas práticas culturais cotidianas de setores sociais (movimentos sociais, sindicatos, instituições, organizações, comunidades diversas);
 - e) a interdisciplinaridade, embora tenha suas práticas oriundas no contexto do ensino, foi se aprimorando no transcorrer histórico. Ela pode também ser aplicada, por exemplo, na extensão a partir da criação de um banco comunitário que envolve uma cooperação e integração de conhecimentos de Administração, Economia, Contábeis, Antropologia, Sociologia, Tecnologia, Gestão etc.; na pesquisa e na inovação como fenômenos de produzir investigações que gerem produtos relevantes para a sociedade.

Enfim, a interdisciplinaridade não é uma questão de “ser” (permanente), mas de “estar” (temporário), pois as disciplinas precisam observar continuamente os fundamentos em comum que as aproximam e as relacionam, a fim de aprimorar permanentemente a integração de saberes.



1.5 Atividade final

Atende aos objetivos “a)” e “b)”

Realize uma pesquisa em *sítes* de dois ou mais cursos de graduação de uma mesma Universidade que possuem relações em comum em qualquer setor do conhecimento (ciências humanas, sociais aplicadas, saúde, agrárias, exatas, tecnológicas).

Procure identificar práticas interdisciplinares entre os cursos dos dois sites visitados no âmbito do ensino, pesquisa e extensão, guiando-se pelas seguintes perguntas: quais tipos de relações são visualizadas entre os dois ou mais cursos? Quais setores dos currículos em comum existem entre os cursos? Quais as práticas de extensão em comum entre os cursos? Quais as práticas de pesquisa em comum entre os cursos? Como as atividades de um curso interferem no desenvolvimento do outro curso e vice-versa?

Elabore um texto discursivo, procurando apontar as possíveis práticas multi ou pluridisciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares entre os cursos visitados.

Resposta comentada

Esta é uma resposta complexa, que irá variar muito, de acordo com a pesquisa de cada aluno. Você pode, por exemplo, pesquisar sobre os cursos de Educação Física e Fisioterapia de uma mesma Universidade. Ambos são da área da Saúde e apresentam inúmeros pontos de contato.

Enquanto no curso de Educação Física da *UFRJ* há uma série de disciplinas voltadas para o fundamento de determinado esporte (“Fundamentos da Natação”, “Fundamentos do Voleibol”, “Fundamentos do Futebol”), no curso de Fisioterapia, da mesma universidade, há uma disciplina intitulada “Fisioterapia Esportiva”.

Veja ainda o Quadro 3 em que há um conjunto de exemplificações de possíveis práticas interdisciplinares.



1.6 CONCLUSÃO

As práticas de multi ou pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade se constituem como um dos grandes desafios do século XXI para compreender as práticas educacionais e as perspectivas de construção do conhecimento científico.

O conhecimento deve ser observado para além das especialidades, buscando uma visão de mundo mais completa e totalizadora da realidade social. Escolas, universidades, institutos de pesquisa, ciência e tecnologia, mercado de trabalho, movimentos sociais, intelectuais, cientistas, literatos etc. precisam observar o conhecimento em uma dimensão processual que envolva a coordenação, combinação e/ou fusão disciplinares, valorizando o diálogo entre as disciplinas e as contribuições que a associação do conhecimento pode promover.

A interdisciplinaridade é um estado prático permanente de atualização de saberes, adequação do conhecimento às necessidades sociais, diálogos, interação, reciprocidade, exposições e descobertas, tornando o conhecimento mais dinâmico e propositivo.

Os conhecimentos construídos nesta Unidade serão muito relevantes para dialogar com a próxima, em que a discussão será centrada nos aspectos teóricos, epistemológicos e práticos que norteiam a Biblioteconomia como uma área do conhecimento interdisciplinar.

1.7 RESUMO

Com o surgimento de várias especialidades nos séculos XIX e XX, a ciência passa por um processo de visão isolada da realidade, gerando diversas críticas, como as apresentadas por estudiosos como *Oppenheimer*, *Ortega y Gasset*, *Snow* e *Wiener*, que buscavam uma visão mais integrada e holística entre as disciplinas. Por isso, no século XX, ocorre o movimento da chamada disciplinaridade e suas derivações (multi ou pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade) com a perspectiva de que as práticas educativas e científicas superem a visão fragmentária por

uma visão mais integrada e unitária do saber. O conceito de interdisciplinaridade ganhou o mundo por intermédio de estudiosos como *Gusdorf* e *Piaget*, estabelecendo-se fortemente no Brasil pelos estudos de *Hilton Japiassú* e *Ivani Fazenda* (sob grande influência de *Gusdorf*) como fenômeno de comunicação, integração, combinação e reciprocidade entre disciplinas. A interdisciplinaridade, embora seja um conceito para uma visão de conhecimento e de mundo mais sólida e integradora, se consolidou no Brasil mediante forte modismo, distanciando o significado teórico de interdisciplinaridade da prática.



Sugestão de Leitura

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade:** um projeto em parceria. São Paulo: Loyola, 2002.

FAZENDA, I. C. A. (Org.). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

POMBO, Olga. **Contribuição para um vocabulário sobre interdisciplinaridade.** [S.l.: s.n.], 2008. Disponível em: <http://profjayfigueiredo.com.br/EDU_AC_22.pdf>.

INFORMAÇÕES PARA A PRÓXIMA UNIDADE

A próxima Unidade será destinada à reflexão sobre a interdisciplinaridade na Biblioteconomia, buscando responder à pergunta: é a Biblioteconomia uma ciência com práticas e modelos interdisciplinares? Por isso, o conhecimento desta primeira Unidade é fundamental para dialogar com a próxima, em especial, os conceitos de Boisot (1972), Heckausen (1972) e Palmade (1979), que estabelecem tipos diversos de disciplinaridade e interdisciplinaridade.

REFERÊNCIAS



BACHELARD, G. **L'engagement rationaliste**. Paris: PUF, 1972.

BOISOT, M. Discipline et interdisciplinarité. In: CERI.
L'interdisciplinarité: problèmes d'enseignement et de recherche
dans les Universités. Paris: UNESCO/OCDE, 1972. p. 90-97.

CHANTRAINE-DEMAILLY, L. Modelos de formação contínua e
estratégias de mudança. In: NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e**
a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p. 139-158.

DELATTRE, P. Investigações interdisciplinares: objectivos e dificuldades.
Tradução de Patrícia Medeiros de Recherches Interdisciplinaires
Objectifs et Difficultés. In: GUIMARÃES, H. M. et al. (Org.).
Antologia II. Lisboa: Projecto Mathesis/DEFCUL, 1973. p. 183-212.

DESCARTES, R. **Discurso do método**. São Paulo: Abril Cultural,
1979.

DESCARTES, R. **Princípios da Filosofia**. Tradução e coordenação de
Guido A. Almeida. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.

FAZENDA, I. C. A. **Integração e interdisciplinaridade no ensino**
brasileiro: efetividade ou ideologia. São Paulo: Loyola, 1979.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**.
Campinas: Papirus, 1994.

FAZENDA, I. C. A. (Org.). **Práticas interdisciplinares na escola**. São
Paulo: Cortez, 2001.

FEYERABEND, P. **Contra o método**. Rio de Janeiro: Francisco Alves,
1977.

GADOTTI, M. **Interdisciplinaridade: atitude e método**. São Paulo:
Instituto Paulo Freire, 2004. Disponível em: <www.paulofreire.org>.

GUSDORF, G. **La parole**. Paris: Presses Universitaires de France, 1953.

GUSDORF, G. **Professores para que?** Lisboa: Morais, 1967.

HABERMAS, J. **Teoría de la acción comunicativa**. Madrid: Taurus,
1987.

HECKHAUSEN, H. Discipline et interdisciplinarité. In: CERI.
L'interdisciplinarité: Problèmes d'enseignement et de recherche
dans les Universités. Paris: UNESCO/OCDE, 1972. p. 83-90.

JAPIASSU, H. F. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de
Janeiro: Imago, 1976.

KAPP, K. W. **Toward a science of man in society**: a positive approach to the integration of social knowledge. Haia: Martinus Nijhoff, 1961.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

MORIN, E. **De la réforme de l'université**. [S.l.: s.n.], 1997. Disponível em: <<http://perso.club-internet.fr/nicol/ciret/locarno/loca5c2.htm>>. Acesso em: 4 jul. 2016.

OPPENHEIMER, J. R. **Science and the common understanding**. Tradução de Albert Colnat. Paris: Gallimard, 1957.

ORTEGA Y GASSET, J. **A rebelião das massas**. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1962.

PALMADE, G. **Interdisciplinaridade e ideologias**. Madrid: Narcea, 1979.

PIAGET, J. Méthodologie des relations interdisciplinaires. **Archives de Philosophie**, [S.l.], v. 34, n. 4, p. 539-549, 1972.

POMBO, Olga. **Contribuição para um vocabulário sobre interdisciplinaridade**. [S.l.: s.n.], 2008. Disponível em: <http://profjayrfigueiredo.com.br/EDU_AC_22.pdf>.

POMBO, Olga. Epistemologia da interdisciplinaridade. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINARIDADE, HUMANISMO, UNIVERSIDADE. 2003, Porto. **Anais...** Porto: Universidade do Porto, 2003. p. 1-18. Disponível em: <http://www.humanismolatino.online.pt/v1/pdf/C002_11.pdf>.

POMBO, Olga. Interdisciplinaridade: conceito, problema e perspectiva. In: POMBO, Olga. **A interdisciplinaridade: reflexão e experiência**. 2. ed. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1994. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/mathesis/interdisciplinaridade.pdf>>.

SILVA, J. L. C. Das concepções disciplinares na Ciência da Informação e/ou de suas configurações epistemológicas: o desiderato percebido da interdisciplinaridade. **Investigación Bibliotecológica**, Ciudad de México, v. 27, n. 59, enero/abr. 2013.

SNOW, C.P. **The two cultures and a second look**: an extended version of the two cultures and the scientific revolution. London: Cambridge University Press, 1959.

VYGOTSKY, L. **Pensamiento y lenguaje**. Buenos Aires: La Pléyade, 1986.

WIENER, N. **Cybernetics, or control and communication in the animal and the machine**. Cambridge: The Technology Press of MIT, 1967.

UNIDADE 2

É A BIBLIOTECONOMIA UMA CIÊNCIA COM PRÁTICAS E MODELOS INTERDISCIPLINARES?

2.1 OBJETIVO GERAL

Abordar fundamentos teórico-conceituais da Biblioteconomia, visando compreender quais as possíveis dimensões relacionais com outras áreas no contexto das Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas e outras ciências.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta Unidade, você seja capaz de:

- a) identificar os múltiplos conceitos etimológicos/epistemológicos da Biblioteconomia;
 - b) identificar as fronteiras da Biblioteconomia a partir de suas percepções conceituais no contexto das Ciências Sociais Aplicadas, Humanas e outras dimensões técnico-científicas.
-



2.3 INTRODUÇÃO

Muito se fala sobre a Biblioteconomia ser uma área do conhecimento interdisciplinar (SILVA; FEITOSA, 2007). Porém, a interdisciplinaridade não pode ser estabelecida por meio de simples discursos, mas na prática de integração entre as disciplinas (PIAGET, 1972). A Biblioteconomia possui uma potencial característica de área multidisciplinar porque, ao atuar com informação, estabelece uma coordenação com outras disciplinas em comum, principalmente das Ciências Sociais Aplicadas e Ciências Humanas.

A potencialidade multidisciplinar e interdisciplinar da Biblioteconomia pode ser incentivada por meio de propostas e discursos, mas precisa se concretizar no cotidiano das práticas acadêmicas para que se efetive. Isso mostra que a Biblioteconomia tem grandes perspectivas multi e interdisciplinares que precisam estar em permanente construção.

Por isso, a pergunta título desta Unidade guiará toda nossa discussão, visando elencar elementos que identifiquem as possíveis fronteiras da área a partir de dois aspectos: os próprios conceitos etimológicos e epistemológicos de Biblioteconomia; e pela dimensão disciplinar da Biblioteconomia no contexto das Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas e outras dimensões técnico-científicas.

Assim, essas duas questões serão exploradas nesta Unidade com a pretensão de compreender os motivos pelos quais a Biblioteconomia pode ser considerada como área interdisciplinar.

2.4 A INTERDISCIPLINARIDADE NA BIBLIOTECONOMIA: CONCEITOS, DIMENSÕES CIENTÍFICAS E PARADOXOS

A Biblioteconomia é uma disciplina do conhecimento voltada para a atuação profissional que realiza diversas ações no contexto da organização e tratamento da informação, gestão da informação, tecnologias de informação, fontes, recursos e serviços de informação. Além disso, preocupa-se com aspectos ligados à pesquisa e fundamentação teórico-histórico-epistemológica no âmbito da informação e em ambientes de informação, principalmente bibliotecas.



2.4.1 Conceituando a Biblioteconomia

Um ponto de partida para compreender os motivos pelos quais a Biblioteconomia apresenta caráter multi ou pluridisciplinar, interdisciplinar e/ou transdisciplinar é o diálogo sobre os diversos conceitos do próprio termo Biblioteconomia. Evidentemente que todo e qualquer campo do conhecimento apresenta vários conceitos em virtude das múltiplas possibilidades de investigação e atuação, assim como pelos olhares diversos dos estudiosos que compõem o campo. No entanto, há um aspecto em comum que associa vários conceitos em um mesmo campo: o interesse em representar o que significa o campo e suas perspectivas de atuação.

O Quadro 4 a seguir estabelece uma síntese de estudiosos em nível internacional e nacional que conceituaram Biblioteconomia. Desse modo, é possível reconhecer a pluralidade de conceitos na área, estabelecer-lhes uma síntese semântica, assim como prover bases para a compreensão das múltiplas dimensões e fronteiras que a Biblioteconomia possui como área do conhecimento técnico-científico e de aplicação profissional.

Quadro 4 – Conceitos de Biblioteconomia

Autor	Conceito	Ano
<i>Butler</i>	Os elementos básicos da Biblioteconomia consistem na acumulação de conhecimento pela sociedade e sua transmissão contínua às gerações, enquanto esses processos são atualizados por meio de registros gráficos.	1933
<i>Bradford</i>	A biblioteconomia ocupa-se de todos os aspectos do tratamento dos livros.	1948
<i>Buonocore</i>	Área que se destina ao estudo dos princípios racionais para realizar, com a maior eficácia e o menor esforço possível, os fins específicos das bibliotecas. Esta área é dividida em uma parte técnico-científica (estudo sobre seleção, aquisição e catalogação de livros, assim como o regime econômico, os recursos, o local e o mobiliário da biblioteca, sua conservação e uso) e uma parte político-administrativa (meios e métodos mais adequados para garantir um bom serviço público de leitura; relaciona-se com a administração e gestão de bibliotecas).	1952
<i>Nitecki</i>	Estudo empírico, racional e pragmático da relação entre o livro, o usuário e o conhecimento.	1968
<i>Shera</i>	A biblioteconomia é a disciplina mais interdisciplinar de todas. Sua tarefa de ordenar, relacionar e estruturar o conhecimento e os conceitos a torna estreitamente inter-relacionada com a semântica geral, também altamente interdisciplinar, epistemológica e envolvida na linguagem, simbolismo, abstração, conceituação e avaliação do conhecimento.	1977
<i>Fonseca</i>	<i>Biblion</i> = livros + <i>theca</i> = caixa + <i>nomos</i> = regra	1992
<i>Le Coadic</i>	União de duas palavras, “biblioteca” e “economia” (esta no sentido de organização, administração, gestão). A biblioteconomia não é nem uma ciência, nem uma tecnologia rigorosa, mas uma prática de organização: a arte de organizar bibliotecas.	1996
<i>Souza</i>	A Biblioteconomia é uma ciência que se determina por uma prática social e que se consolida pelo registro e codificação das experiências positivas no uso, organização e controle dos documentos que são buscados pelos seus conteúdos [informação]. A Biblioteconomia opera com informação e com suporte de informação [materialmente, documento] e tem na organização e controle do fluxo destes e nos sujeitos [geradores e consumidores] de informação os objetivos determinantes do seu campo científico. Historicamente, ela trabalha com aqueles objetos (documentos), e embora mudem formatos e suportes, segundo o nível de atualização tecnológica de cada época, os objetos de informação e organização de seu fluxo são os mesmos.	1996
<i>Targino</i>	A área do conhecimento que se ocupa com a organização e a administração das bibliotecas e outras unidades de informação, além da seleção, aquisição, organização e disseminação de publicações sob diferentes suportes físicos.	2006

Fonte: produção do próprio autor a partir de Bradford (1948), Buonocore (1952), Butler (1971), Fonseca (1992), Le Coadic (1996), Nitecki (1968), Shera (1977), Souza (1996) e Targino (2006).

Vamos ver agora um pouco acerca de cada um desses estudiosos apresentados no Quadro 4?



Lee Pierce Butler

Lee Pierce Butler (1884-1953) foi professor e pesquisador da *Escola de Biblioteconomia de Chicago*, conquistando grande destaque a partir da década de 1930 com estudos sobre a perspectiva científico-social da Biblioteconomia. O livro *Introdução à Ciência da Biblioteconomia*, publicado em 1933, é um de seus feitos mais significativos, tratando sobre os fundamentos teóricos e científicos, além das perspectivas de atuação da Biblioteconomia.

Samuel Clement Bradford

Samuel Clement Bradford (1878-1948) foi um bibliotecário, documentalista e matemático britânico (nascido em Londres). Ele se destacou nos estudos sobre as relações entre Biblioteconomia e Documentação, assim como sobre produção científica, em especial, ao formular, em 1934, a lei de dispersão da literatura científica, intitulada de Lei de *Bradford* ou Segunda Lei Bibliométrica, que dispõe sobre o conjunto de periódicos.

José Domingo Buonocore

José Domingo Buonocore foi um pesquisador argentino da Biblioteconomia com obras marcantes para o desenvolvimento da área, tais como: *Elementos de Bibliotecologia* (1952), *Vocabulario Bibliográfico* (1952) e *Diccionario de bibliotecologia: términos relativos a la bibliología, bibliografía, bibliofilia, biblioteconomía, archivología, documentología, tipografía y materias afines* (1963).

Joseph Z. Nitecki

Joseph Z. Nitecki foi um professor e pesquisador da *Escola de Biblioteconomia de Chicago* que tratou de aspectos técnico-científicos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Tem como uma das grandes marcas a chamada Trilogia de *Nitecki* representada pelos livros: *Metallibrarianship: A Model For Intellectual Foundations of Library Information Science* (1993), *Philosophical Aspects of Library Information Science in Retrospect* (1995) e *Philosophical Ancestry of the American Library Information Science* (1997). A trilogia está disponível no link: <<https://web.archive.org/web/20090310180826/http://www.twu.edu/library/Nitecki/>>.

Jesse Hauk Shera

Jesse Hauk Shera (1903–1982) foi um bibliotecário, cientista da informação e professor/pesquisador da *Escola de Biblioteconomia de Chicago*. Foi o criador de uma nova proposta de disciplina intitulada “Epistemologia Social”, desenvolvida na década de 1960, que trata das formas, processos e fluxos do acesso à informação para a sociedade. Produziu artigos e livros sobre aspectos científicos e humanísticos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, contemplando aplicações em bibliotecas, assim como sobre organização do conhecimento e uso das tecnologias.

Edson Nery da Fonseca

Edson Nery da Fonseca (1921-2014) foi um bibliotecário, professor e pesquisador pernambucano (nascido em Olinda) com destacada atuação na Biblioteconomia brasileira. Autor de livros como *A Biblioteconomia no contexto mundial* (1979), *Problemas brasileiros de documentação* (1988), *Introdução à Biblioteconomia* (1992) e artigos diversos sobre bibliotecas, organização do conhecimento, fundamentos epistemológicos da Biblioteconomia e produção científica. Também é considerado grande estudioso das obras do sociólogo *Gilberto Freyre*, seu conterrâneo, ressaltando que ambos os estudiosos foram grandes amigos por décadas.

Yves-François Le Coadic

Yves-François Le Coadic, nascido em 1942, é um teórico da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, tendo como principais focos de estudo: necessidades de informação; uso da informação e sistemas de informação; usuários da informação; estudos métricos de informação e epistemologia da Ciência da Informação. É autor do célebre livro *A Ciência da Informação*, publicado no Brasil em 1996, sendo um clássico na literatura científica da área.

Francisco das Chagas de Souza

Francisco das Chagas de Souza nasceu no Ceará e foi professor da *Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)* de 1983 a 2015. Possui atuação marcante em assuntos da área, tais como: ética bibliotecária; educação em Biblioteconomia; informação e educação; e fundamentos históricos e epistemológicos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Produziu vários artigos e livros na área, como *Ensino de Biblioteconomia no Contexto Brasileiro* (1990), *Biblioteconomia, Educação e Sociedade* (1993) e *Modernização e Biblioteconomia Nova no Brasil* (2003).

Maria das Graças Targino

Maria das Graças Targino possui destacada atuação na Biblioteconomia/Ciência da Informação em temas como produção científica, estudos métricos de informação e Comunicação e jornalismo cidadão. Foi vinculada à *Universidade Federal do Piauí (UFPI)* por 25 anos e atualmente participa do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da *Universidade Federal da Paraíba (UFPB)*.

Evidentemente, os conceitos apresentados no Quadro 4 não expressam a totalidade dos conceitos de Biblioteconomia produzidos, mas buscam uma síntese dos múltiplos significados em diferentes períodos da história e diferentes regiões do mundo. É pertinente uma reflexão sobre os conceitos apresentados, pois representam uma cultura científica de Biblioteconomia que pode variar de país para país ou continente para continente.

Nos Estados Unidos da América (EUA), a *Escola de Biblioteconomia de Chicago* representada por estudiosos como Butler (1933), Shera (1957, 1970, 1977, 1980) e Nitecki (1968) determinam a Biblioteconomia como conceito mais amplo, vinculado, por um lado, aos estudos dos materiais bibliográficos e suas relações com os usuários e, por outro, aos estudos sobre organização e recuperação da informação.

A chamada *Escola de Biblioteconomia de Chicago* é de extrema relevância para o desenvolvimento, uma vez que promove um largo passo para se pensar procedimentos técnicos (processos que envolvem a organização e recuperação de informação) e normativos (princípios para composição epistemológica da Biblioteconomia) (SILVA, 2013).

A Biblioteconomia estadunidense do fim do século XIX e início do século XX influencia diretamente a formação da Biblioteconomia brasileira, especialmente a partir da chamada atividade tecnicista. No entanto, a Biblioteconomia brasileira produz em seus conceitos um misto de preocupação técnica com uma dimensão de prática social. Este misto é estratégico para mostrar que preocupação técnica e prática social estimulam meios de produção científica que visam associar na prática esses dois fazeres.

O fazer técnico e social permite a análise de um conjunto de discussões sobre se a Biblioteconomia é ciência ou técnica/norma/regra. Contudo, essa discussão pode ser superada se buscarmos entender que a Biblioteconomia é uma área do conhecimento técnico-normativo que produz e aplica meios para promover o acesso e uso da informação para sujeitos (usuários).

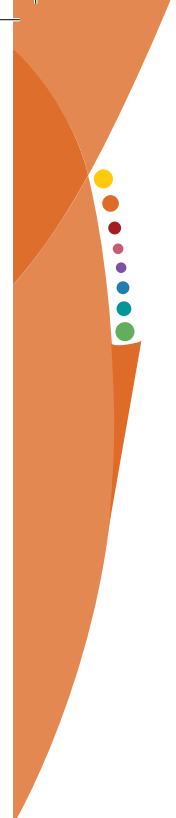
Logo, se a Biblioteconomia é uma área que constrói atividades técnicas e normativas com perspectiva de acesso à informação para sujeitos, é uma área do conhecimento de caráter técnico-normativo que produz meios e práticas científicas, pois como alerta Bunge (1980, p. 31), os campos da técnica e da norma também produzem ciência:

A diferença entre Ciência (básica ou aplicada) e técnica resume-se nisso: enquanto a primeira se propõe a descobrir leis que possam explicar a realidade em sua totalidade, a segunda se propõe a controlar determinados setores da realidade, com ajuda de todos os tipos de conhecimento, especialmente os científicos. Tanto uma quanto outra partem de problemas, só que os problemas científicos são puramente cognoscitivos, enquanto que os técnicos são práticos. Ambas buscam dados, formulam hipóteses e teorias, e procuram provar essas ideias por meio de observações, medições, experiência ou ensaios. Porém, muitos desses dados, hipóteses e teorias empregados na técnica são tirados da Ciência e se referem sempre a questões controláveis, tais como estradas ou máquinas, pradarias ou bosques, minas ou rios, consumidores ou doentes, empregados ou soldados, e a sistemas compostos por homens e artefatos, tais como fábricas ou mercados, hospitais ou exércitos, redes de comunicação ou universidade etc. Ao técnico, não interessa o universo todo, e sim o que represente recurso natural ou artefato.

A Biblioteconomia é uma área técnico-normativa quando busca produzir serviços, produtos e modelos vinculados, por exemplo, à organização, gestão, uso de tecnologias e mediação, para satisfação de demandas e necessidades de informação, mas se estabelece cientificamente por se valer de problemas práticos de informação do cotidiano social para que possa desenvolver suas perspectivas técnico-normativas.

Os conceitos apresentados no Quadro 4 demonstram que a Biblioteconomia é uma área do conhecimento plural por possuir várias dimensões de atuação no campo da informação.





Os múltiplos desafios da Biblioteconomia permitem que se estruture um conceito moderno acerca dela, como sendo uma área do conhecimento baseada em três fundamentos:

- a) **socio-histórico**, que é alusivo às práticas de organização de documentos, preservação da memória e do conhecimento para disseminação;
- b) **técnico, normativo e científico**, que visa promover a organização/tratamento, mediação, acesso e uso para a apropriação da informação por meio do oferecimento de serviços e produtos em ambientes de informação, especialmente bibliotecas, aplicável em empresas, meios de comunicação, indústrias, bancos, instituições de saúde, instituições jurídicas, entre outros;
- c) **humanista-enciclopédico**, que envolve um conhecimento geral sobre como, mediante práticas documentárias e informacionais, é possível servir variados tipos de público e áreas do conhecimento.

Para tanto, considera como elementos fundamentais para o desenvolvimento de suas atividades, por um lado, **aspectos estratégicos**, como a gestão, recursos, serviços e fontes de informação, bem como as tecnologias da informação e da comunicação e, por outro, **aspectos sociocognitivos**, como noções de sociedade, cultura, educação, memória, história, ética etc. para a construção do seu *corpus* histórico, científico e humanista de atuação.

Estes múltiplos fazeres biblioteconômicos propiciam afirmar que estamos lidando com uma área de efetivo potencial multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar pelos diversos diálogos que constrói com outras áreas do conhecimento, para que possa consolidar seu viés técnico-normativo-científico. Destacamos três dimensões nesta Unidade para um debate mais particularizado sobre a construção multidisciplinar, interdisciplinar e/ou transdisciplinar da Biblioteconomia:

- a) dimensão da Biblioteconomia no contexto das Ciências Sociais Aplicadas (diálogo com Administração, Economia, Comunicação, entre outras);
- b) dimensão da Biblioteconomia no contexto das Ciências Humanas (diálogo com Filosofia, História, Educação, Sociologia, Psicologia etc.);
- c) além de outras dimensões técnico-científicas da Biblioteconomia.

Para identificar as perspectivas disciplinares da Biblioteconomia nas três dimensões destacadas, consideramos os seguintes aspectos: o que a Biblioteconomia assimila de outras áreas (como as outras áreas contribuem com a Biblioteconomia); o que a Biblioteconomia oferece a outras áreas (como a Biblioteconomia contribui com outras áreas); e quais os aspectos em comum existentes entre a Biblioteconomia e outras áreas (reciprocidade/mutualidade).

Os dois primeiros aspectos denotam o caráter multidisciplinar da Biblioteconomia (uma coordenação lógica entre Biblioteconomia e outras áreas). O terceiro aspecto denota uma condição interdisciplinar, na medida em que é pensada a reciprocidade/mutualidade entre Biblioteconomia e outras áreas do conhecimento.



2.4.2 Atividade



Atende ao objetivo “a)”

Como é possível observar, a Biblioteconomia é uma área com múltiplas representações e fazeres técnicos, normativos e científicos, permitindo a promoção de diálogos com diversos campos do conhecimento. Diante dos conceitos apresentados no Quadro 4 e diante do conceito acima proposto para a Biblioteconomia, responda por meio de textos dissertativos às seguintes questões:

- qual (ou quais) conceito(s) você mais se identificou e por qual (ou quais) motivo(s)?;
- do conceito com que você mais se identificou, quais são as questões que considera mais relevantes para a atuação da Biblioteconomia como área técnico-científica e de atuação profissional?;
- faça uma análise crítica do moderno conceito de Biblioteconomia apresentado na Unidade (aquele que foi indicado com seus três fundamentos, a saber, “socio-histórico”, “técnico-normativo e científico” e “humanista-enciclopédico”).

Vale ressaltar que para cada questão levantada recomendamos um texto dissertativo potencializando sua capacidade crítica de interpretação sobre o conteúdo desta Unidade.

Um texto dissertativo contempla: uma **introdução**, expondo as ideias centrais do seu texto; um **desenvolvimento**, que contempla a argumentação por meio da inserção de opiniões, dados, levantamentos, exemplos etc. e a **conclusão**, apontando as constatações e o fechamento das ideias do texto.

Resposta comentada

Espera-se que essa atividade ajude você a fixar e dialogar com as representações conceituais da Biblioteconomia em três níveis. Primeiro, para que você identifique o conceito que mais despertou interesse. Segundo, para que você já observe quais possíveis contextos de atuação da Biblioteconomia podem ser mais relevantes em sua vida acadêmica e profissional. Terceiro, para que desenvolva uma ideia coordenada de cunho dissertativo sobre os fundamentos conceituais da Biblioteconomia.

Por exemplo, você pode afirmar que se identificou mais com os conceitos de Le Coadic (1996) e Nitecki (1968) e justificar os motivos fazendo uma associação entre tais conceitos. Dos conceitos identificados, pode indicar o que considera mais relevante para a atuação da área de Biblioteconomia, trazendo um fechamento e justificando os motivos pelos quais um dos autores é o mais relevante para isso.

Com relação ao moderno conceito de Biblioteconomia proposto nesta Unidade, você deve fazer uma interpretação mostrando seu entendimento acerca de quais pontos considera mais interessantes e pertinentes para a atuação da Biblioteconomia.

2.4.3 A dimensão da Biblioteconomia no contexto das Ciências Sociais Aplicadas

Esta é uma das dimensões disciplinares de maior pertencimento da Biblioteconomia, uma vez que tal área do conhecimento é institucionalmente, segundo documento oficial da *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)*, pertencente ao campo das Ciências Sociais Aplicadas I (no final de 2016 passou a denominar-se “Comunicação e Informação”). Em várias Universidades é muito comum a formação de centros contemplando a união de cursos de graduação/pós-graduação no âmbito da Ciência da Informação e da Comunicação (exemplos: *UFRGS, USP, UFPE e UFG*) e/ou das Ciências Sociais Aplicadas (exemplos: *UFPB, UFCA, UFRN, UFMA, UFPA, UFRJ e UFS*) contemplando Ciência da Informação, Administração, Economia e Contábeis. Isso fomenta perspectivas diversas de relações em ensino, pesquisa, extensão e prática profissional, conforme explicita a Figura 7 a seguir:

Figura 7 – Dimensão da Biblioteconomia no contexto das Ciências Sociais Aplicadas.



Fonte: produção do próprio autor (2017).

Em primeira instância, vale destacar que a dimensão dialógica da Biblioteconomia no campo das Ciências Sociais Aplicadas é ampliada em virtude da expressiva combinação disciplinar ou até mesmo fusão disciplinar entre Biblioteconomia e Ciência da Informação. A razão disso é que a Biblioteconomia contribuiu/contribui para o surgimento e desenvolvimento da Ciência da Informação enquanto campo de prática científica (pesquisa) e a Ciência da Informação contribui por meio de suas práticas científicas para o desenvolvimento técnico, normativo, científico e profissional da Biblioteconomia (este será assunto para as próximas Unidades).

Considerando os aspectos destacados entre Biblioteconomia e Comunicação (**o que** a Biblioteconomia se apropria de outras áreas; **como** a Biblioteconomia contribui com outras áreas; e **quais** os aspectos em comum existentes entre a Biblioteconomia e outras áreas), pode-se perceber que a ideia de informação, essencial tanto para a Biblioteconomia como para a Comunicação, está diretamente ligada a esses três aspectos. Isso porque o uso de tecnologias, mídias digitais, mediações e ações culturais,

serviços de informação e comunicação são utilizados em comum entre as duas áreas, visando gerar conhecimento, mas com alguns procedimentos e finalidades diferentes.

Desse modo, há fortes tendências de caráter multidisciplinar e interdisciplinar entre Biblioteconomia e Comunicação, pois há perspectivas diretas e práticas de contribuições mútuas ou não no âmbito da informação, mas que apresentam relações em comum. Em particular, podemos destacar a interdisciplinaridade complementar entre Biblioteconomia e Comunicação, que significa, de acordo com Heckhausen (1972), quando os domínios materiais de certas disciplinas se cobrem parcialmente, criando assim relações complementares entre os seus respectivos campos de estudo.

Considerando os aspectos destacados entre Biblioteconomia e Administração/Economia/Contábeis, além dos assuntos que as aproximam, como campos do conhecimento de fundamentos em comum – tais como o uso de tecnologias da informação, planejamento e inteligência competitiva –, vale ressaltar que o cotidiano em diversas Universidades é muito fortemente marcado por Centros de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA), formados por Biblioteconomia (comumente instituído por um Departamento de Ciência da Informação), Administração, Economia e Contábeis.

Neste caso, observamos dois tipos de perspectivas interdisciplinares. Uma entre Biblioteconomia e Ciência da Informação, e outra entre Biblioteconomia e Administração/Economia/Contábeis:

- a) a primeira interdisciplinaridade é do tipo **auxiliar** (HECKHAUSEN, 1972), pois há um conjunto de metodologias e conceitos da Ciência da Administração incorporados pela Biblioteconomia de modo recíproco. A interdisciplinaridade auxiliar se justifica em virtude de que as áreas do conhecimento se relacionam de forma direta, criando um enriquecimento mútuo, mas sem a perda das características essenciais de cada área;
- b) a segunda interdisciplinaridade é do tipo **unificadora**, pois vários conceitos, princípios e metodologias utilizados na Administração, Economia e Contábeis foram também utilizados na Biblioteconomia/Ciência da Informação, por meio de pressupostos originários de outras áreas, que aperfeiçoaram esses dois campos de conhecimento (SILVA, 2013).

A dimensão da Biblioteconomia no contexto das Ciências Sociais Aplicadas (coordenação multidisciplinar e combinação/perspectiva/convergência interdisciplinar com Comunicação, Administração, Economia e Contábeis) tem um caráter mais pragmático, gerencial e tecnológico.

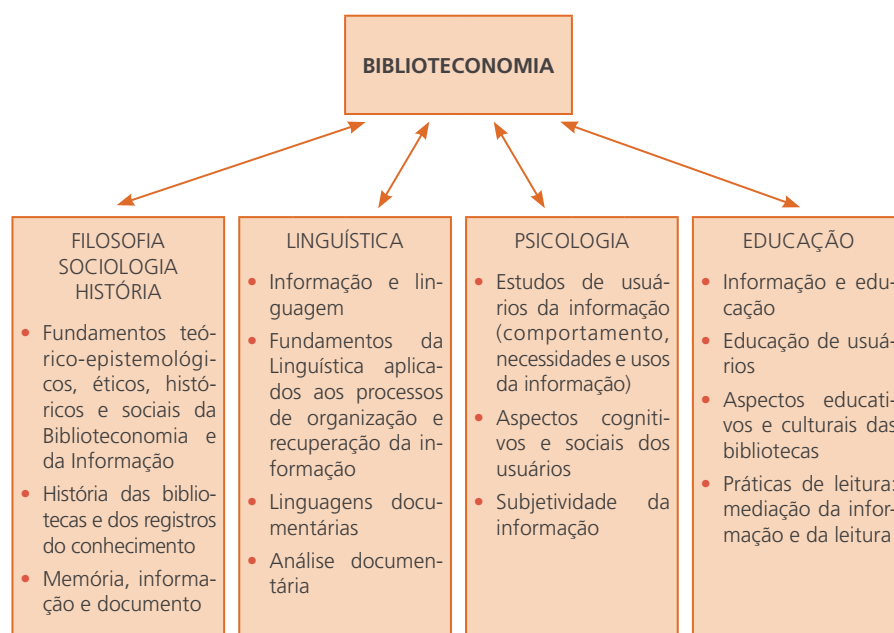
2.4.4 A dimensão da Biblioteconomia no contexto das Ciências Humanas

Esta é a dimensão que mais produziu efeitos para o desenvolvimento da Biblioteconomia, já que áreas como Filosofia, Sociologia e Educação foram fundamentais para auxiliar na estruturação dos fundamentos teórico-conceituais, sociais e pedagógicos da Biblioteconomia.

A Figura 8 a seguir sintetiza a dimensão disciplinar da Biblioteconomia no contexto das Ciências Humanas:



Figura 8 – Dimensão da Biblioteconomia no contexto das Ciências Humanas



Fonte: produção do próprio autor (2017).

A dimensão disciplinar da Biblioteconomia com a Filosofia/Sociologia/História é a base formadora dos fundamentos teóricos, históricos e epistemológicos do currículo biblioteconômico. Além disso, é a base de formação conceitual da Biblioteconomia. Por isso, disciplinas como “Introdução à Filosofia”, “Introdução à Sociologia” e “Introdução aos Estudos Históricos” compõem o núcleo teórico da área, pois estimula no aluno a construção de um viés teórico-conceitual que o auxilia a pensar e a interpretar os rumos e caminhos da Biblioteconomia.

Diante disso, a relação disciplinar entre Biblioteconomia e Filosofia/Sociologia/História ocorre nos seguintes termos:

- interdisciplinaridade compósita:** une disciplinas diversas pela necessidade imperiosa de encontrar soluções técnicas para a resolução de problemas que resistem às contingências históricas em constante evolução (HECKAUSEN, 1972). Neste caso, a união entre Biblioteconomia, Ciência da Informação, Filosofia, Sociologia e História se dá na pretensão de compreender e resolver problemas de informação;
- interdisciplinaridade auxiliar** (HECKAUSEN, 1972): a Biblioteconomia, para se constituir como disciplina com fundamentos teóricos, epistemológicos, éticos e sociais, precisou utilizar teorias, métodos e modelos da Filosofia, Sociologia e História.

A possibilidade interdisciplinar da Biblioteconomia com a Filosofia, Sociologia e História, se consolida não somente com a formação de fundamentos teóricos biblioteconômicos, mas da noção de que estes fundamentos são abstraídos das questões históricas e práticas da área e buscam auxiliar na resolução de problemas práticos.

A relação da Biblioteconomia com a Linguística e a Psicologia se dá no contexto da **interdisciplinaridade auxiliar** (HECKHAUSEN, 1972), uma vez que a Biblioteconomia e a Ciência da Informação se apropriam de métodos e pressupostos da Linguística e Psicologia para a construção de seus estudos, assim como a utilização desses métodos e pressupostos são partilhados entre as disciplinas sem perder as suas características específicas.

A relação da Biblioteconomia com a Educação pode gerar uma **interdisciplinaridade de engrenagem** que, de acordo com Palmade (1979), se dá quando os objetos de uma disciplina são constituídos pela estrutura global das relações entre os objetos de outra disciplina. A Biblioteconomia só desenvolve trabalhos com informação ligada à educação no âmbito da leitura, formação de competências, alguns aspectos da mediação da informação e biblioteca escolar, entre outros, por conta da existência dos pressupostos da Educação como campo do conhecimento científico, institucional e profissional que embasam e ajudam a engrenar atividades educativas de cunho biblioteconômico.

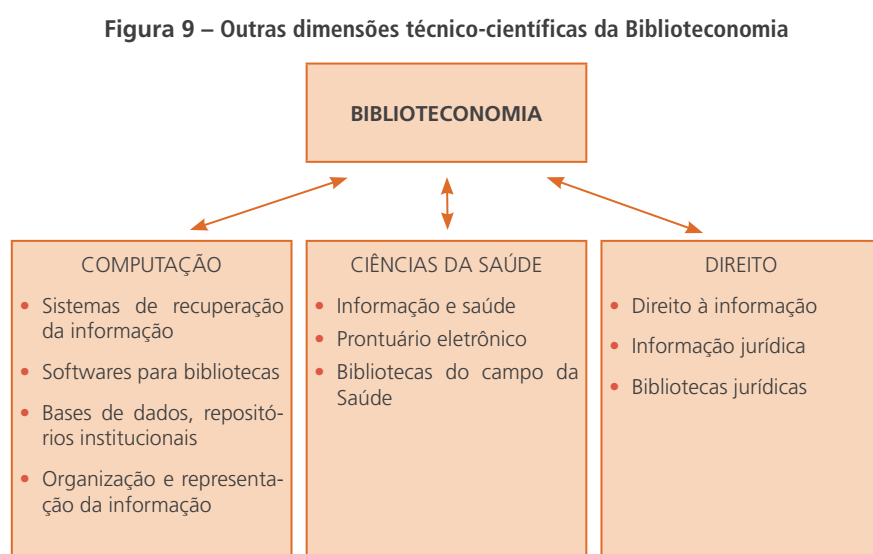
A dimensão da Biblioteconomia no contexto das Ciências Humanas é muito promissora para a construção dos fundamentos que justificam a existência da área, mas apresenta um fator preocupante: a Biblioteconomia (e também a Ciência da Informação) importa substancialmente os conceitos das Ciências Humanas, mas pouco promove retorno, não efetivando uma prática interdisciplinar propriamente dita. Pinheiro (1999, p. 175) ressalta sobre a Ciência da Informação, mas que também se aplica à Biblioteconomia: “[...] a Ciência da Informação incorpora muito mais contribuições de outras áreas, do que transfere para essas um corpo de conhecimentos gerados dentro de si mesma”.

Esta incorporação sem o devido retorno demonstra uma relação unilateral. Silva (2013, p. 87) atenta para um unilateralismo disciplinar da Biblioteconomia e Ciência da Informação explicando que “esse unilateralismo disciplinar costuma ocorrer quando uma disciplina se ocupa de outra(s) sem promover um diálogo que prime pela reciprocidade”, inibindo a interdisciplinaridade como fenômeno prático.

2.4.5 Outras dimensões técnico-científicas da Biblioteconomia

A Biblioteconomia possui um caráter multidisciplinar por atuar com informação, fenômeno/objeto de interesse de muitas outras áreas do conhecimento, como podemos vislumbrar nas ciências ditas tecnológicas, principalmente a Computação, Ciências da Saúde e Direito.

A figura que segue estabelece a dimensão relacional entre a Biblioteconomia e as áreas mencionadas:



Fonte: produção do próprio autor (2017).

Diante da Figura 9, observamos perspectivas de práticas interdisciplinares da Biblioteconomia com a Computação no contexto da **interdisciplinaridade de engrenagem**, que ocorre quando os objetos de uma disciplina são constituídos pela estrutura global das relações entre os objetos de outra disciplina (PALMADE, 1979).

A Biblioteconomia, ao se apropriar de elementos da Computação, como sistemas de recuperação da informação e *softwares*, engendra práticas para a organização da informação e matura o setor de tecnologias da informação em suas práticas curriculares de ensino e também com possibilidades de associação com pesquisa e extensão.

Neste caso, há também a possibilidade de prática interdisciplinar entre Biblioteconomia e Computação por meio de uma **interdisciplinaridade linear**, que ocorre quando uma lei, método ou explicação de uma disciplina transfere-se para outra por um processo de extensão (BOISOT, 1972). Quando a Biblioteconomia estrutura suas práticas por meio de tecnologias da informação, utiliza com frequência os fundamentos da Computação para justificar e sustentar as ações tecnológicas biblioteconômicas.

Entre Biblioteconomia e Ciências da Saúde/Direito, há a possibilidade da chamada **codisciplinaridade**, que significa um conjunto das concepções que permitem unificar o conhecimento das diferentes disciplinas mantendo a originalidade de cada uma delas (PALMADE, 1979).

No caso da Biblioteconomia com as Ciências da Saúde, quando se estuda ou pratica a relação entre informação e saúde para a organização de prontuários eletrônicos ou físicos, os conhecimentos das áreas se unificam, mas a autenticidade de cada área permanece (a Biblioteconomia como campo de organização da informação e as Ciências da Saúde utilizando os prontuários para a orientação dos profissionais da saúde no atendimento ao público).

No caso da Biblioteconomia com o Direito, a ideia de direito à informação e informação jurídica unificam conhecimentos das duas áreas, preservando a autonomia da Biblioteconomia para a dinamização de práticas de organização, mediação, acesso e uso da informação e o Direito preservando seus fundamentos jurídicos.



2.5 Atividade final

Autores como Boisot (1972), Heckausen (1972) e Palmade (1979) estabelecem conceitos e tipos de interdisciplinaridade, conforme expostos na Unidade 1 e aplicados na Unidade 2, que demonstram quão complexo e diversificado é o conceito de interdisciplinaridade e o quanto as áreas precisam se envolver na prática para serem constituídas como interdisciplinares.

Diante das possibilidades de construção interdisciplinar da Biblioteconomia, faça um texto dissertativo mostrando seu entendimento sobre a concepção interdisciplinar entre a Biblioteconomia e as disciplinas apresentadas nas dimensões das:

- Ciências Sociais Aplicadas (Comunicação, Administração, Economia e Ciências Contábeis);
- Ciências Humanas (Filosofia/Sociologia/História, Linguística, Psicologia e Educação);
- outras dimensões técnico-científicas (Computação, Ciências da Saúde e Direito).

A ideia é estimular sua interpretação sobre a Biblioteconomia como área do conhecimento interdisciplinar e as dimensões em que ela pode se estabelecer como tal.

Resposta comentada

Espera-se que você compreenda os vários aspectos que abrem margens para uma interpretação da Biblioteconomia no contexto do debate multi e interdisciplinar, especialmente no contexto das Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas e outras dimensões técnico-científicas.

Por exemplo, na perspectiva interdisciplinar entre Biblioteconomia e Filosofia/Sociologia/História mostre sua interpretação sobre:

- a) por quais motivos a Biblioteconomia pode ser interdisciplinar com estas áreas?;
- b) por que há uma perspectiva de interdisciplinaridade composta?;
- c) como a Biblioteconomia pode contribuir com a Filosofia/Sociologia/História e vice-versa?

Assim como o exemplo indicado, o texto dissertativo desta atividade final deve ser feito com as demais disciplinas com que a Biblioteconomia se relaciona.

Semestre

1

2.6 CONCLUSÃO

Diante do que foi discutido nesta Unidade, a Biblioteconomia possui um caráter multidisciplinar por atuar com a informação, o que também é interesse de outras áreas do conhecimento. Além disso, possui um caráter potencialmente interdisciplinar, por possibilitar integração, convergências e perspectivas em comum com várias áreas do conhecimento, principalmente no contexto das Ciências Sociais Aplicadas (caráter técnico e prático da Biblioteconomia) e Ciências Humanas (caráter de fundamentação teórica, epistemológica e social da Biblioteconomia).

Porém, é preciso destacar que a presente Unidade indica possibilidades de **práticas interdisciplinares**, ou seja, a Biblioteconomia não pode ser considerada interdisciplinar pelo discurso. É preciso que cada área mencionada nesta Unidade que dialoga com a Biblioteconomia se efetive interdisciplinarmente nas relações práticas do cotidiano acadêmico do ensino, pesquisa e extensão, além das práticas entre os membros das comunidades acadêmicas envolvidas (por exemplo, alunos e professores).

Como a interdisciplinaridade é uma categoria de ação que contribui para o desenvolvimento integrado das disciplinas, é possível perceber que a Biblioteconomia possui amplos conhecimentos tanto para se apropriar de outras áreas e aplicar dentro da sua própria área, quanto para oferecer/contribuir para o desenvolvimento de outras áreas. Embora o mais comum seja a Biblioteconomia se apropriar dos conhecimentos de outras áreas sem

promover o devido retorno, criando mais uma característica de coordenação multidisciplinar do que a interdisciplinaridade propriamente dita.

Portanto, tendo em vista a pergunta-título desta Unidade – “É a Biblioteconomia uma ciência com práticas e modelos interdisciplinares?” – podemos responder que, pelo seu complexo e plural fazer, expresso em seus conceitos, e pela necessidade/perspectiva de diálogo com diversos campos do conhecimento, especialmente no que é relacionado a teorias e práticas de informação, a Biblioteconomia é uma área multidisciplinar e com perspectivas interdisciplinares.

2.7 RESUMO

É pertinente reconhecer que a Biblioteconomia possui um rico caráter multidisciplinar e potencialmente interdisciplinar, que precisa ser efetivado na prática. Os conceitos de Biblioteconomia apresentados mostram o quanto o fazer da área é complexo e generalista, o que motiva um diálogo e integração com outros campos do conhecimento, tais como: Ciências Sociais Aplicadas (Comunicação, Administração, Economia e Ciências Contábeis), Ciências Humanas (Filosofia/Sociologia/História, Linguística, Psicologia e Educação) e outras dimensões técnico-científicas (Computação, Ciências da Saúde e Direito). Portanto, a complexidade do fazer biblioteconômico, a necessidade de diálogo com outros campos expressos nas três dimensões da área e a possibilidade de relação com a maioria desses campos no âmbito da informação fazem da Biblioteconomia uma área multidisciplinar e interdisciplinar.



Sugestão de Leitura

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Standards for accreditation of programs master's programs in library and information studies**. Chicago: ALA, 2008.

CORREA, E. C. D.; SPUDEIT, D. A interdisciplinaridade entre Biblioteconomia, Sociologia e Educação nos cursos de graduação da Região Sul do Brasil. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 364-395, jul./dez. 2013.

OLIVEIRA, Joaquim Francisco Cavalcante de; PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; ANDRADE, Antonio Rodrigues de. Informação como objeto para construção do corpus interdisciplinar entre Ciência da Informação e Ciência da Administração. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 61–81, mar. 2011.

SILVA, J. L. C.; FEITOSA, L. T. Uma análise sobre a identidade da biblioteconomia brasileira: o enfoque da interdisciplinaridade. **Biblionline**, João Pessoa, v. 3, n. 1, 2007.

INFORMAÇÕES PARA A PRÓXIMA UNIDADE



A próxima Unidade será sobre o currículo de Biblioteconomia e as fronteiras disciplinares e científicas da formação curricular da área. Os conhecimentos das Unidades 1 e 2 sobre práticas e aplicações disciplinares na Biblioteconomia auxiliam na compreensão de como é formado o currículo em Biblioteconomia e suas fronteiras disciplinares e científicas.

REFERÊNCIAS

BOISOT, M. Discipline et interdisciplinarité. In: CERI.

L'interdisciplinarité: problèmes d'enseignement et de recherche dans les Universités. Paris: UNESCO/OCDE, 1972. p. 90-97.

BRADFORD, S.C. **Documentation**. Londres: Crosby Lockwood, 1948.

BUNGE, M. **Ciência e desenvolvimento**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.

BUONOCORE, D. **Elementos de Bibliotecologia**. Santa Fé: Castellví, 1952.

BUTLER, P. **Introdução à ciência da Biblioteconomia**. Tradução de: An introduction to library science. Rio de Janeiro: Lidador, 1971.

FONSECA, E. N. da. **Introdução à Biblioteconomia**. São Paulo: Pioneira, 1992.

HECKHAUSEN, H. Discipline et interdisciplinarité. In: CERI.

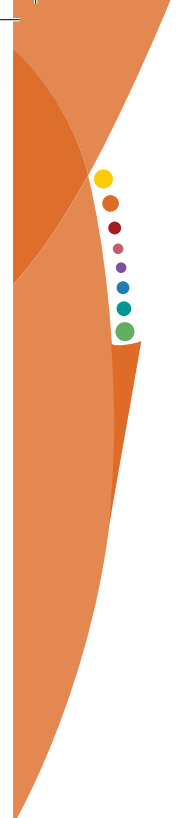
L'interdisciplinarité: problèmes d'enseignement et de recherche dans les Universités. Paris: UNESCO/OCDE, 1972. p. 83-90.

LE COADIC, Y. **Ciência da Informação**. Tradução de Maria Yeda F. S. de Figueiredo Gomes. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

NITECKI, J. Reflection on the nature and limit of Library Science. **The Journal of library history**, Tallahassee, v. 3, n. 2, p. 103-119, 1968.

PALMADE, G. **Interdisciplinaridade e ideologias**. Madrid: Narcea, 1979.

PIAGET, J. Méthodologie des relations interdisciplinaires. **Archives de Philosophie**, [S.l.], v. 34, n. 4, p. 539-549, 1972.



PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Campo interdisciplinar da Ciência da Informação: fronteiras remotas e recentes. In: PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. **Ciência da Informação, Ciências Sociais e interdisciplinaridade**. Brasília: IBICT/DEP/ DDI, 1999. p. 155-178.

SHERA, J. H. Epistemologia Social, Semântica Geral e Biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 9-12, 1977.

SHERA, J. H. Research and developments in documentation. **Library Trends**, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 187-206, 1957.

SHERA, J. H. Sobre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. In: GOMES, Hagar Espanha (Org.). **Ciência da Informação ou Informática?** Rio de Janeiro: Calunga, 1980. p. 91-105.

SHERA, J. H. **Sociological foundations of librarianship**. New York: Asia Publishing House, 1970.

SILVA, J. L. C. Das concepções disciplinares na Ciência da Informação e/ou de suas configurações epistemológicas: o desiderato percebido da interdisciplinaridade. **Investigación Bibliotecológica**, Ciudad de México, v. 27, n. 59, enero/abr. 2013.

SILVA, J. L. C.; FEITOSA, L. T. Uma análise sobre a identidade da biblioteconomia brasileira: o enfoque da interdisciplinaridade. **Biblionline**, João Pessoa, v. 3, n. 1, 2007.

SOUZA, F. das C. de. Os paradigmas da biblioteconomia e suas implicações no ensino desta ciência. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 1, n. 2, 1996.

TARGINO, M. das G. A interdisciplinaridade da ciência da informação como área de pesquisa. In: TARGINO, M. das G. **Olhares e fragmentos: cotidiano da biblioteconomia e ciência da informação**. Teresina: EDUFPI, 2006. cap. 9.

UNIDADE 3

FORMAÇÃO CURRICULAR EM BIBLIOTECONOMIA: PERSPECTIVAS DAS FRONTEIRAS DISCIPLINARES EXTERNAS E INTERNAS

3.1 OBJETIVO GERAL

Apresentar os aspectos curriculares da Biblioteconomia em nível geral, visando apontar estratégias de integração no campo da informação, contemplando Arquivologia, Museologia, Documentação e Ciência da Informação

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta Unidade, você seja capaz de:

- a) identificar e comparar os fundamentos e setores que compõem o currículo em Biblioteconomia em nível nacional;
 - b) verificar aspectos do currículo em Biblioteconomia que se relacionam nas fronteiras externas (Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas e outras dimensões técnico-científicas) e nas fronteiras internas (campo da informação, como a Arquivologia, Museologia, Documentação e Ciência da Informação).
-



3.3 INTRODUÇÃO

A Biblioteconomia é uma área do conhecimento com currículo generalista e plural por conta da diversidade de prática informacional e do diálogo/cooperação com campos do conhecimento das Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas e outras ciências, além do diálogo/cooperação com a Arquivologia, Museologia, Documentação e Ciência da Informação.

Essas formas de diálogo formam o que pode ser chamado de fronteiras disciplinares externas (Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas e outras ciências) e fronteiras disciplinares internas (Arquivologia, Museologia, Documentação e Ciência da Informação).

Esses diálogos e fronteiras disciplinares da Biblioteconomia são complementares e contribuem diretamente para formação curricular da Biblioteconomia, seja no âmbito da formação das disciplinas gerais, seja no âmbito da formação das disciplinas específicas.

Desse modo, essas e outras questões serão discutidas nesta Unidade, visando identificar e compreender os aspectos que auxiliam na formação curricular da Biblioteconomia e de quais formas são construídos os diálogos/fronteiras externas e internas da área.



3.4 O CURRÍCULO DE BIBLIOTECONOMIA: FRONTEIRAS EXTERNAS E INTERNAS NA FORMAÇÃO DAS DISCIPLINAS

O currículo é uma prática pedagógica e política para pensar/estruturar formas de educar desde a educação básica até as formas de educação mais complexas. Segundo Sacristán (2000, p. 6), o currículo “é uma prática na qual se estabelece o diálogo, por assim dizer, entre agentes sociais, elementos técnicos, alunos que reagem frente a ele e professores que o modelam”.

O currículo é um modelo de construção educacional formulado com procedimentos e práticas de poder entre seus agentes humanos (professores, alunos, diretores, funcionários da instituição) e agentes não humanos (estrutura física, tecnológica, informacional etc.).

3.4.1 Fronteiras externas da formação geral das disciplinas do currículo de Biblioteconomia

O currículo é a expressão teórico-prática, metodológica, política, pedagógica, histórica e pragmática que conduz uma construção educativa. No caso da Biblioteconomia, o currículo expressa um modelo de formação generalista para que o bibliotecário possua perspectivas diversas de atuação no âmbito da informação, como ambientes convencionais (bibliotecas públicas, escolares, universitárias, especializadas etc.) e ambientes não convencionais (bancos, indústrias, editoras, hospitais, meios de comunicação etc.) ou, ainda, na junção desses dois ambientes.

Conforme proposta elaborada por pesquisadores brasileiros e do Mercosul (2002), as *Diretrizes Curriculares do Curso de Biblioteconomia* são divididas da seguinte forma:

- a) fundamentos teóricos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação;
- b) processamento, organização e tratamento da informação;
- c) recursos e serviços de informação;
- d) tecnologias da informação;
- e) gestão de unidades de informação;
- f) pesquisa.


A formação desses setores curriculares busca uma articulação lógica entre estudos teórico-epistemológicos, técnicos, pedagógicos e sociais inerentes à formação generalista e complexa do bibliotecário. Esta setorização curricular é uma forma de identificar aspectos gerais e específicos da formação do bibliotecário.

Brasil (2001, p. 21), ao falar sobre as *Diretrizes Curriculares da Biblioteconomia*, afirma que a formação do bibliotecário:

[...] supõe o desenvolvimento de determinadas competências e habilidades e o domínio dos conteúdos da Biblioteconomia. Além de preparados para enfrentar com proficiência e criatividade os problemas de sua prática, produzir e difundir conhecimentos, refletir criticamente sobre a realidade que os envolve, buscar aprimoramento contínuo e observar padrões éticos de conduta, os egressos do referido curso deverão ser capazes de atuar junto a instituições e serviços que demandem intervenções e alcance de natureza variados: bibliotecas, centros de documentação ou informação, centros culturais, serviços de rede ou informação, órgãos de gestão do patrimônio cultural etc. As IES poderão acentuar, nos projetos acadêmicos e na organização curricular, características do egresso que, sem prejuízo do patamar mínimo aqui considerado, componham perfis específicos.

Diante do perfil de formação traçado para o bibliotecário, vale destacar algumas questões:

- a) o currículo deve dosar de forma consistente teoria e prática e, principalmente, estar continuamente agregando teoria e prática como fenômenos intrínsecos e indissociáveis;

- 
- b) o currículo deve ser crítico, no sentido de mostrar múltiplas possibilidades de aprendizagem; e estratégico, no sentido de estimular múltiplas formas de atuação profissional;
 - c) o currículo deve tanto pensar a formação acadêmica pelas disciplinas obrigatórias e optativas, estágio supervisionado e atividades de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), quanto articular essas práticas às atividades de extensão, pesquisa e inovação da Universidade, estimulando no aluno vias diversas de aprendizagem;
 - d) o currículo deve favorecer a formação de **competências gerais** como geração e disseminação de produtos a partir dos conhecimentos produzidos por alunos e professores; formulação e execução de políticas institucionais; elaboração, coordenação e execução de planos, programas e projetos; utilização racional dos recursos disponíveis; desenvolvimento e uso dinâmico das tecnologias; adequação das práticas profissionais às necessidades de indivíduos, grupos e comunidades no setor de atuação; desenvolvimento de atividades profissionais autônomas (assessoria, consultoria etc.) (BRASIL, 2001);
 - e) o currículo deve favorecer a formação de **competências específicas**, como integração e agregação de valor nos processos de geração, transferência e uso da informação em qualquer ambiente; crítica, investigação, proposição, planejamento, execução e avaliação de recursos e produtos de informação; trabalho com fontes de informação de qualquer natureza; processamento da informação registrada em diferentes tipos de suporte; e realização de pesquisas relativa a produtos, processamento, transferência e uso de informação (BRASIL, 2001);
 - f) o currículo deve ser construído contemplando duas dimensões que se complementam: a primeira é constituída pelos temas/tópicos oriundos dos domínios tradicionais da Biblioteconomia ou de disciplinas que, originadas em outras áreas, foram aplicadas ou adaptadas a contextos bibliotecários; e a segunda representa o domínio de aplicação do conteúdo dessas disciplinas em bibliotecas ou outros ambientes de informação (BARBOSA, 1998);
 - g) o currículo deve ser pensado no âmbito das relações entre Biblioteconomia e Ciência da Informação nos contextos das práticas de pesquisa, fundamentos teóricos, organização, gestão, tecnologias, recursos e serviços, mas preservando a autonomia da primeira, principalmente no que se refere ao estímulo para as múltiplas atuações do bibliotecário no mercado.

Como é possível observar, o currículo de Biblioteconomia apresenta múltiplas facetas, possibilitando variadas vertentes de atuação, sendo algumas mais tradicionais e consagradas no mercado, e outras ainda potenciais, que precisam ser desbravadas de forma mais ampla pelo bibliotecário.

O Quadro 5 a seguir faz uma síntese sobre o que trata cada setor do currículo de Biblioteconomia mencionado neste tópico e suas respectivas fronteiras disciplinares externas:

Quadro 5 – Setores curriculares da Biblioteconomia e suas fronteiras disciplinares externas

(continua)

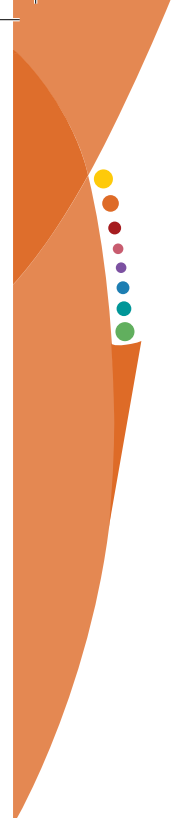
Setor	Temas abordados	Fronteiras disciplinares externas
Fundamentos Teóricos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação	<p>História das bibliotecas, da Biblioteconomia e dos registros do conhecimento.</p> <p>O papel e a missão do bibliotecário na sociedade.</p> <p>As etapas de geração, tratamento, difusão, recepção e uso da informação.</p> <p>As interfaces da Biblioteconomia com as demais ciências.</p> <p>Bases legais e éticas da profissão.</p>	<p>Filosofia (epistemologia, ética e formação de conceitos na Biblioteconomia);</p> <p>Sociologia (fundamentos sociais da Biblioteconomia e da informação);</p> <p>História (fundamentos históricos da Biblioteconomia, história das bibliotecas, da Biblioteconomia e dos registros do conhecimento);</p> <p>Comunicação (teorias e práticas da informação e da comunicação).</p>
Processamento, Organização e Tratamento da Informação	<p>Descrição física e temática da informação e do conhecimento.</p> <p>Aplicação de códigos, normas e formatos disponíveis.</p> <p>Uso da Informática nos serviços de informação.</p> <p>Desenvolvimento e gestão de bancos de dados, bases de dados e bibliotecas digitais.</p> <p>Metodologia de análise e avaliação de sistemas de informação.</p> <p>Automação de unidades de informação.</p>	<p>Linguística (informação e linguagem, fundamentos da Linguística aplicados aos processos de organização e recuperação da informação, linguagens documentárias e análise documentária);</p> <p>Computação (sistemas de recuperação da informação, arquitetura da informação, softwares, repositórios, representação da informação na web etc.).</p>
Recursos e Serviços de Informação	<p>Fundamentos, princípios, processos e instrumentos do serviço de referência: seleção, aquisição, avaliação, descarte, preservação, conservação e restauração de recursos de informação.</p> <p>Normas para desenvolvimento de coleções.</p> <p>Fontes de informação impressas, eletrônicas e digitais: conceitos, tipologia, acesso, utilização e avaliação.</p> <p>Estudo e educação de usuários. A indústria da informação: geração, produção e comercialização de documentos, fontes e serviços de informação.</p> <p>Serviços de referência e informação.</p> <p>Serviços de extensão e ação cultural.</p>	<p>Educação (educação de usuários, práticas de leitura, produção de serviços de informação, competência em informação etc.);</p> <p>Sociologia/Sociologia da Comunicação (serviços de extensão, ação cultural e mediação cultural);</p> <p>Administração (planejamento de acervos, geração, produção e comercialização, e documentos).</p>

(conclusão)

Setor	Temas abordados	Fronteiras disciplinares externas
Tecnologias da Informação	<p>Relações entre informação e tecnologia.</p> <p>A contribuição das tecnologias para as práticas técnicas e pedagógicas da biblioteca.</p> <p>Aplicações da informática documentária.</p> <p>Bases de dados.</p> <p>Sistemas de recuperação da informação.</p>	<p>Computação (fundamentos da Computação aplicados à Biblioteconomia, informática documentária, sistemas de recuperação da informação, bases de dados, entre outros);</p> <p>Comunicação (informação e comunicação em nível digital; contribuições das tecnologias para a comunicação da informação);</p> <p>Administração (planejamento e gestão de tecnologias da informação aplicadas em bibliotecas e outros ambientes de informação);</p> <p>Educação (tecnologias da informação como elementos pedagógicos aplicados em bibliotecas escolares e universitárias);</p> <p>Linguística (linguagens computacionais aplicadas nos processos de geração, produção, organização e recuperação da informação).</p>
Gestão de Unidades de Informação	<p>Princípios e evolução da administração e da teoria organizacional.</p> <p>Funções da administração: planejamento, organização, execução, controle, mensuração e avaliação.</p> <p>Gestão de marketing, de recursos humanos, de recursos financeiros, de recursos físicos, de produção e de materiais.</p> <p>Qualidade aplicada ao contexto das unidades e serviços de informação.</p>	<p>Administração (princípios da Administração aplicados em bibliotecas e na Biblioteconomia; planejamento; gestão da informação; gestão de pessoas em ambientes de informação; qualidade aplicada em ambientes de informação, marketing etc.);</p> <p>Administração e Educação (gestão dos serviços de informação, gestão por competência, gestão para educação de usuários, gestão e mediação da informação, gestão de práticas leitoras etc.);</p>
Pesquisa	<p>Metodologia do trabalho científico e metodologia da pesquisa.</p> <p>Pesquisa bibliográfica e documentária.</p> <p>Normalização documentária.</p> <p>Atividades integradas de ensino, pesquisa e extensão aplicadas aos demais setores da Biblioteconomia.</p>	<p>Administração e Estatística (métodos quantitativos);</p> <p>Computação (uso adequado de bases de dados, repositórios, bibliotecas digitais, busca e uso dos sistemas de recuperação da informação);</p> <p>Qualquer outra área que possua relação direta ou indireta com a Biblioteconomia que permita pensar teorias e práticas de pesquisa em informação (Comunicação, Filosofia, História, Sociologia, Educação, Linguística, Psicologia, Economia, Ciências Contábeis, Direito, Ciências da Saúde etc.).</p>

Fonte: produção do próprio autor a partir do MEC (2001).





A setorização curricular em Biblioteconomia demonstra que as fronteiras disciplinares da área são muito largas e permitem um conjunto de diálogos entre a Biblioteconomia e diferentes campos do conhecimento.

No setor de “Fundamentos Teóricos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação”, as fronteiras disciplinares estão estreitamente vinculadas às Ciências Humanas, com um amplo diálogo com a Filosofia, Sociologia, História, Educação, Linguística e Psicologia, aprimorando formas de pensar os rumos e perspectivas da Biblioteconomia. O setor de “Fundamentos da Biblioteconomia”, embora considerado teórico, está ligado sensivelmente às questões práticas e históricas da área, pois não se constroem percepções teóricas de forma sólida sem partir dos aspectos práticos.

Por isso, é comum a ideia de que aqueles que trabalham com fundamentos teóricos são chamados de **especialistas das generalidades**, pois precisam, a partir da reprodução crítica e/ou criação de elementos teóricos para um campo do conhecimento, dialogar com todos os outros setores desse campo, compreendendo que as fronteiras disciplinares devem preservar sua autonomia (nesse caso, a Biblioteconomia), dando oportunidades para alargar os diálogos e fronteiras.

O setor de “Processamento, Organização e Tratamento da Informação” é o setor mais tradicional de cunho empírico da Biblioteconomia, já que é o setor histórico que formata o embrião técnico-normativo da área (SILVA, 2013). Este setor compõe um dos mais reconhecidos e tradicionais fazeres do bibliotecário, nos mais diversos tipos de instituição que atua. A organização e tratamento na Biblioteconomia e Ciência da Informação [...]

[...] é, portanto, um processo que envolve a descrição física e de conteúdo dos objetos informacionais. O produto desse processo descritivo é a representação da informação, entendida como um conjunto de elementos descritivos que representam os atributos de um objeto informacional específico (BRASCHER; CAFÉ, 2008, p. 5).

Para tanto, o alargamento das fronteiras com a Linguística (aspecto mais humano do setor de organização) e com a Computação (aspecto mais tecnológico do setor de organização) mostra que a ideia de técnica na Biblioteconomia deve ser valorizada como atividade humana e tecnológica com o intuito de promover acesso e uso da informação.

O setor de “Recursos e Serviços de Informação” é interessante por possuir dois grandes diálogos: o primeiro com as Ciências Humanas, especialmente com a Educação, que traz o caráter pedagógico do setor; e o segundo com as Ciências Sociais Aplicadas, conferindo um caráter mais gerencialista ao setor de serviços. No entanto, tais diálogos não são isolados. Pelo contrário: são intimamente ligados, considerando que as práticas de recursos e serviços de informação possuem simultaneamente aspectos pedagógicos e gerenciais, ampliando as fronteiras desse setor curricular da Biblioteconomia.

O setor de “Tecnologias da Informação” é um dos mais recentes na Biblioteconomia e foi amadurecido pelas relações históricas entre Ciência da Informação, Computação e Biblioteconomia. Embora seja um setor mais definido no sentido de trabalhar com suportes de informação, é um dos mais abertos, visto que o setor de Tecnologias da Informação pode dialogar com os mais diversos setores curriculares da Biblioteconomia e com as mais diversas áreas do conhecimento.

Por isso, o setor de tecnologias na Biblioteconomia é muito transversal: dialoga com campos da tecnologia como a Computação (caráter propriamente tecnológico), com as Ciências Sociais Aplicadas, em especial com a Comunicação e a Administração (caráter comunicacional e gerencial das tecnologias) e com o campo das Ciências Humanas, principalmente a Educação e a Linguística (caráter pedagógico e linguístico das tecnologias).

O setor de “Gestão de Unidades de Informação” também aparece de forma mais recente na Biblioteconomia, pelo diálogo no tripé Ciência da Informação-Administração-Biblioteconomia. É um setor com carga muito densa no contexto das Ciências Sociais Aplicadas, pela aproximação com fundamentos da Administração, como planejamento, gestão de pessoas, marketing, qualidade etc. Mas também é um setor que possui um viés vinculado à Educação, quando se pensa a construção de políticas e práticas gerenciais em bibliotecas e outros ambientes de informação, por exemplo, gestão para competências em informação, relação entre gestão e mediação, gestão de práticas leitoras etc.

O setor de pesquisa é considerado o mais paradoxal do currículo de Biblioteconomia. Por um lado, as disciplinas do setor comumente possuem um padrão relacionado à metodologia do trabalho científico, metodologia da pesquisa, pesquisa bibliográfica, pesquisa documentária, normalização documentária, além da atividade de TCC. Por outro lado, as práticas de pesquisa de docentes e discentes costumam estabelecer variações por fatores como diversidade dos setores curriculares e disciplinas dos cursos de Biblioteconomia, assim como pelas diferenças regionais/territoriais de cada curso, entre outros.

Davanso e Zanaga (2011), em estudo sobre as disciplinas de formação geral dos cursos de Biblioteconomia brasileiros que formatam as fronteiras disciplinares externas, contemplando 27 instituições estudadas, sendo dezoito federais, quatro estaduais e cinco privadas, e tomando como base a classificação do *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)* em grandes áreas (1 – Ciências Exatas e da Terra; 2 – Ciências Biológicas, 3 – Engenharias, 4 – Ciências da Saúde, 5 – Ciências Agrárias, 6 – Ciências Sociais Aplicadas, 7 – Ciências Humanas, 8 – Linguística, Letras e Artes, 9 – Outros), estruturaram o seguinte quadro que delimita o núcleo das disciplinas gerais da Biblioteconomia:

Quadro 6 – Disciplinas de Formação Geral mais comuns, classificadas por área do conhecimento (fronteiras externas)

Disciplinas	
1	Estatística; Introdução à Informática; Análise de Sistemas; Redes de Computadores; Tecnologia da Informação
6	Teoria da Administração; Introdução à Administração; Comunicação; Economia; Empreendedorismo; Organização e Métodos
7	Sociologia; Filosofia; Lógica; História da Cultura; Antropologia; Aspectos Sociais, Políticos e Econômicos do Brasil; Psicologia Social
8	Inglês; Língua Portuguesa; História da Arte; História da Literatura

Fonte: Davanso e Zanaga (2011).

O primeiro núcleo de disciplinas de fronteiras externas está relacionado às Ciências Exatas, em especial, à Estatística e às ciências ditas tecnológicas (compõe majoritariamente o setor curricular de “Tecnologias da Informação”). O segundo núcleo de disciplinas de fronteiras externas está situado nas Ciências Sociais Aplicadas, principalmente Comunicação e Administração (compõe majoritariamente o setor de “Gestão de Unidades de Informação”). O terceiro está relacionado às Ciências Humanas (compõe majoritariamente o setor de “Fundamentos Teóricos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação”). Já o quarto está relacionado à área de Linguística, Letras e Artes (compõe majoritariamente o setor de “Fundamentos Teóricos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação”).



Explicativo

Currículo

O currículo é uma marca representativa da construção de aprendizagem e conhecimento em ambientes educacionais. Para se adequar à realidade social da comunidade, o currículo vai se transformando gradualmente, considerando o desenvolvimento humano, social, tecnológico e científico. O currículo de Biblioteconomia passou por várias transformações desde o primeiro curso instaurado pela *Biblioteca Nacional* (projetado em 1911 e iniciado em 1915), que hoje é o vanguardista e tradicional curso de Biblioteconomia da *Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)*, assim como quando se estabeleceu o primeiro currículo mínimo da área em 1962. Sabidamente, um currículo sempre gerará críticas por não acompanhar estreitamente as questões de seu tempo ou por ser generalista demais ou, ainda, por enfatizar setores específicos em detrimento de outros.

O Quadro 7 a seguir faz uma síntese dos currículos mínimos de 1962 e 1982, sendo possível observar as transformações curriculares na Biblioteconomia, comparando com a realidade atual.

Quadro 7 – Currículos mínimos de Biblioteconomia de 1962 e 1982

(continua)

Currículo mínimo de 1962	Currículo mínimo de 1982
	<i>Matérias de Formação Geral</i>
	1. Comunicação
1. Introdução aos estudos históricos e sociais	2. Aspectos sociais, políticos e econômicos do Brasil contemporâneo
2. História da Arte	3. História da Cultura
3. Evolução do pensamento filosófico e científico	
4. História da Literatura	

(conclusão)

Currículo mínimo de 1962	Currículo mínimo de 1982
	<i>Matérias Instrumentais</i> 4. Lógica 5. Língua Portuguesa e Literatura da Língua Portuguesa 6. Língua estrangeira moderna 7. Métodos e técnicas de pesquisa
5. Documentação	<i>Matérias de Formação Profissional</i> 8. Informação aplicada à Biblioteconomia
6. História do Livro e das Bibliotecas	9. Produção dos registros do conhecimento
7. Catalogação e classificação	10. Formação e desenvolvimento de coleções
8. Bibliografia e referência	11. Controle bibliográfico dos registros do conhecimento
9. Organização e administração de bibliotecas	12. Disseminação da informação
10. Paleografia	13. Administração de bibliotecas

Fonte: Mueller (1988, p. 75).



3.4.2 Atividade

Atende ao objetivo "a)"

Faça um texto dissertativo respondendo às seguintes questões:

- qual é o seu entendimento sobre cada setor curricular da Biblioteconomia?;
- quais áreas e disciplinas caracterizam as fronteiras disciplinares externas da Biblioteconomia? (ver quadro 5 e 6);
- com quais setores curriculares você mais se identifica? Justifique;
- quais diferenças você observa entre os currículos mínimos de 1962/1982 e os setores curriculares apresentados no Quadro 7?

Resposta comentada

A ideia é estimular o entendimento crítico sobre os aspectos que definem os setores curriculares da Biblioteconomia e como se estabelecem as fronteiras externas do currículo de Biblioteconomia a partir da formação geral das disciplinas.

Para fins de exemplificação:

- a) na primeira questão, a ideia é que você exponha sua compreensão sobre cada setor curricular da Biblioteconomia, considerando: a função de cada setor curricular e as relações e diferenças entre eles.

Exemplo:

Mostre qual o entendimento sobre os seguintes setores (ver com mais detalhes o Quadro 1):

- Fundamentos Teóricos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação;
- Processamento, Organização e Tratamento da Informação;
- Recursos e Serviços de Informação;
- Tecnologias da Informação;
- Gestão de Unidades de Informação;
- Pesquisa.

- b) a segunda questão é complementar à primeira, pois a ideia é estimular que você analise e descreva a relação de cada setor curricular com outros campos do conhecimento e os assuntos que o compõem. Por exemplo, no setor de Fundamentos Teóricos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, como você interpreta a relação com a Filosofia, a Sociologia, a História e a Comunicação? No setor de Tecnologias da Informação, como você interpreta a relação entre a Biblioteconomia, Computação, Sistemas de Informação e a Informática no geral? No setor de Gestão de Unidades de Informação, como você interpreta a relação entre Biblioteconomia e Administração?;

- c) a terceira questão é mais pessoal e tem a finalidade de estimular suas percepções sobre quais setores você tem mais perspectivas de aplicação profissional durante a trajetória acadêmica e o futuro da atuação profissional;

- d) a quarta questão busca estimular a compreensão sobre as transformações históricas do currículo de Biblioteconomia. Por exemplo, o currículo de Biblioteconomia atual se diferencia dos currículos de 1962 e 1982 por possuir um viés mais generalista (estruturação dos seis setores mencionados) e pela inserção de forma mais impactante de disciplinas nos setores de "Tecnologias da Informação" e "Gestão de Unidades de Informação", enquanto os currículos de 1962 e 1982 focalizavam uma mescla entre disciplinas técnicas, sociais e administrativas. Outra diferença em relação ao currículo de 1962 e 1982 é a inclusão de matérias de cunho instrumental, que foram sendo aprimoradas e delimitadas até o currículo atual.

3.4.3 Fronteiras internas da formação específica das disciplinas do currículo de Biblioteconomia

A formação histórica do currículo de Biblioteconomia solidificou as fronteiras externas com diversos campos do conhecimento, como acabamos de ver. Ao mesmo tempo, há uma estruturação histórica das fronteiras internas do currículo de Biblioteconomia com a Arquivologia, Museologia, Ciência da Informação e Documentação (esta última em um nível menos intenso, principalmente do ponto de vista político-científico).

Neste momento, é pertinente compreender as fronteiras internas atuais estabelecidas entre os citados campos. O Quadro 8 a seguir faz uma síntese dos assuntos/disciplinas em comum entre eles:

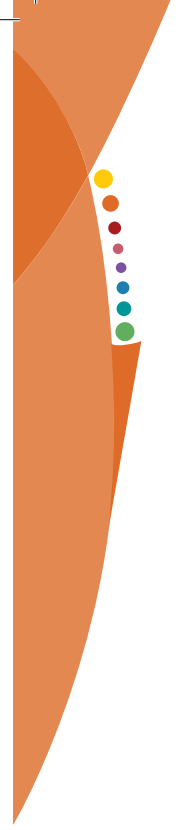
Quadro 8 – Assuntos/disciplinas em comum entre Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia, Documentação e Ciência da Informação

Assuntos/disciplinas	Conteúdo
A construção do conhecimento	Epistemologia. Metodologia da pesquisa. Heurística.
O estatuto do documento	Produção de evidência <i>versus</i> atribuição de sentido. A informação orgânica e a inorgânica. As unidades físicas de referência: documento, peça, série, coleção, arquivo e acervo (cartorial e operacional). As unidades intelectuais de referência: assunto e função. O documento como indício, prova e testemunho.
O fluxo documental: da gênese ao acesso	Produtores e usuários da informação (mediações e interfaces). A contextualização como ferramenta. Seleção/avaliação. Representação e comutação: polissemia e monossemia.
As instituições	Funções pragmáticas, cognitivas, estéticas e vivenciais. Gestão, custódia, conservação, depósito legal e curadoria. Patrimônio, memória, herança, cultura.
Processos de Informação	Práticas em armazenamento, organização, geração, produção, comunicação, mediação, acesso, uso e apropriação da informação.
Tecnologias da Informação	Suportes digitais/virtuais/analógicos nas práticas documentárias e de informação. Aplicação das tecnologias de informação em ambientes de informação (bibliotecas, arquivos, museus e outros ambientes de informação).
Gestão da Informação	Gestão de documentos, gestão eletrônica de documentos (GED), gestão de pessoas em ambientes de informação, planejamento em ambientes de informação, qualidade do documento e da informação.

Fonte: produção do próprio autor a partir do MEC (2001).

A Biblioteconomia se relaciona ativamente com a Arquivologia, Museologia, Documentação e Ciência da Informação pelo viés da informação que produz ações dinâmicas em comum entre os campos mencionados (ações e processos informacionais de cunho gerencial, tecnológico, preservação da memória, organização etc.).





Araújo (2014, p. 157) afirma sobre a referência da informação para o diálogo entre as disciplinas:

Informação, objeto de estudo da Ciência da Informação, constitui, antes de tudo, um conceito, uma categoria abstrata, que só pode ser compreendida e estudada por meio do estudo de outros fenômenos, estes sim, com existência concreta, material, na esfera da realidade humana. Entre esses fenômenos estão as instituições arquivísticas, biblioteconômicas e museológicas, com suas técnicas, seus acervos, seus profissionais, suas funções e contradições. Estudar a dimensão informacional que os constitui é abrir a possibilidade de um campo de reflexão amplo e, portanto, favorável à aproximação, ao diálogo e, afinal, à cooperação, num movimento que, como destacado anteriormente, já vem sendo realizado no campo das intervenções concretas em arquivologia, museologia e biblioteconomia. A ciência da informação não vem para construir um diálogo que não ocorre. Ela surge para potencializar as condições de realização de um diálogo que já vem ocorrendo entre as três áreas.

A Ciência da Informação não vem para criar uma fronteira interna entre Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia e Documentação, pois estas fronteiras já existem (conforme discutido na primeira parte desta Unidade). Ela vem para amadurecer algumas formas de diálogo, especialmente no contexto da prática científica, criando um nível de cooperação e integração disciplinar científica e institucional mais sólido.

Os setores de “Fundamentos Teóricos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação”, “Processamento, Organização e Tratamento da Informação”, “Recursos e Serviços de Informação”, “Tecnologias da Informação”, “Gestão de Unidades de Informação” e “Pesquisa” são a prova da existência do diálogo e cooperação histórica com a Arquivologia e a Museologia (teorias e práticas em comum nas bibliotecas, arquivos e museus), mas também são a prova da interferência direta da Ciência da Informação para o desenvolvimento dos setores curriculares da Biblioteconomia.

Silva (2002) menciona um paradigma dominante de cunho patrimonialista no qual se inscrevem e legitimam a Arquivologia, Bibliotecologia/Biblioteconomia, Ciência da Documentação e Museologia a partir dos seguintes pressupostos:

- a) historicista, empírico-tecnicista, documentalista, empírico-patrimonialista;
- b) sobrevalorização da custódia/guarda, conservação e restauro do suporte como função basilar da atividade profissional de arquivistas, bibliotecários e museólogos;
- c) ênfase da memória como fonte legitimadora do Estado-Nação moderno e como construção intelectual de passado(s) fundador(es), extremamente útil para justificação ideológica, jurídico-administrativa e político-institucional, tanto atual, como futura, por meio de pretensas antinomias – valor probatório *versus* valor informativo e intelectual, verdade administrativa *versus* cultura científica e técnica, vontade de instruir *versus* intenção de entreter etc.;

- d) importância crescente do acesso ao conteúdo dos documentos e aos próprios objetos por meio da elaboração de instrumentos de pesquisa (guias, inventários e catálogos);
- e) distinção formal e profissional do arquivista, do bibliotecário e do museólogo, mas aceitando que são agentes culturais que lidam com patrimônio e todos conservam, preservam, ordenam, classificam e difundem documentação.

Diante do mencionado, embora Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia se instituem diante de paradigmas idênticos, não significa dizer que as relações entre essas áreas do conhecimento sejam latentes do ponto de vista histórico-epistemológico e pragmático.

Os paradigmas idênticos pelos quais Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia se instituem favorecem possibilidades de relações dinâmicas, mas, no Brasil, as práticas relacionais das fronteiras disciplinares são muito recentes, sendo concebidas no limiar do século XXI. Isso significa dizer que, historicamente, essa relação não se consolidou do ponto de vista factual, mas é pertinente considerar que há um enorme potencial de alargamento das relações entre Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia em termos epistemológicos, curriculares e profissionais.

Por sua vez, Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, no Brasil, se estabeleceram como construtos socioepistêmicos, por meio de instituições que se sobrepõem, como escolas, departamentos e centros de Biblioteconomia nas Universidades ou, ainda, em institutos como o *Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD)* e o *Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)*, que acrescentam valor técnico-científico, histórico e humanista entre as três áreas.



Construto é um conceito teórico que não é passível de observação.



3.5 Atividade final

Atende aos objetivos "a)" e "b)"

Realize uma pesquisa visitando um site de um departamento/faculdade/escola de Ciência da Informação que contenha os cursos de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia e redija um texto respondendo às seguintes perguntas:

- a) como são divididos os setores do currículo no curso de Biblioteconomia exposto no site visitado?;
- b) com quais áreas do conhecimento das Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas e outras ciências (fronteiras externas) você percebe que a Biblioteconomia dialoga na formação de suas disciplinas?;
- c) quais as relações percebidas entre os currículos dos cursos de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia?;
- d) como você observa nas disciplinas do curso de Biblioteconomia a interferência da Ciência da Informação e da Documentação?

Resposta comentada

As pretensões desta atividade são de facilitar a compreensão sobre a formação curricular em Biblioteconomia, em especial, como o currículo se forma no contexto das fronteiras externas e internas.

Para fins de exemplificação: você pode visitar, por exemplo, o site da *Escola de Ciência da Informação (ECI)* da *Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)*, da *Faculdade de Ciência da Informação (FCI)*, da *Universidade de Brasília (UnB)* ou de outra instituição que possua os três cursos e observar como dividem a formação curricular do curso de Biblioteconomia. Observe as discussões desta Unidade para perceber a semelhança e possíveis particularidades em como a Escola/Faculdade/Instituto escolhido divide os setores curriculares e disciplinas em Biblioteconomia.

Busque perceber as fronteiras externas que destacam o currículo de Biblioteconomia do curso escolhido. Observe também quais as semelhanças, diferenças e particularidades curriculares entre os cursos de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia do departamento/escola/faculdade que você optou.

Veja ainda como você percebe no currículo de Biblioteconomia, principalmente nas disciplinas de formação específica, as interferências da Ciência da Informação e da Documentação.

3.6 CONCLUSÃO

A Biblioteconomia passou por profundas reformas e ampliações curriculares nas últimas décadas em virtude do diálogo e cooperação com a Arquivologia, Museologia, Documentação e Ciência da Informação, principalmente esta última, alargando as fronteiras externas e internas da Biblioteconomia.

Estas fronteiras indicam que a Biblioteconomia vem ampliando seus *locus* de atuação e intervenção acadêmico-profissional e que o diálogo/cooperação com as Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas e outras ciências pode e deve ser amadurecido no processo histórico da Biblioteconomia (amadurecimento das fronteiras externas), pois contribui ativamente para o diálogo/cooperação com a Arquivologia, Museologia, Documentação e Ciência da Informação (fronteiras internas).

Vale destacar que o diálogo/cooperação também entre as fronteiras internas ajuda a fortalecer as fronteiras externas da Biblioteconomia, criando possibilidades mais amplas de práticas multidisciplinares e interdisciplinares no âmbito da informação, que é o principal fator que favorece a ampliação de tais fronteiras.

3.7 RESUMO

O Curso de Biblioteconomia vem passando por um conjunto de transformações curriculares desde a criação do primeiro curso em 1915 (pela *Biblioteca Nacional*, hoje curso da *UNIRIO*), e da implantação do currículo mínimo em 1962.

Essas transformações se deram, sobretudo, pelas mudanças da realidade social, científica e tecnológica dos séculos XX e XXI, assim como pelo estabelecimento das fronteiras externas do currículo de Biblioteconomia (constituídas pelo diálogo com as Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas e outras ciências) e pelas fronteiras internas (constituídas pelo diálogo com a Arquivologia, Museologia, Documentação e Ciência da Informação), que fortalecem a ideia do campo da informação. A composição dos setores curriculares da Biblioteconomia define um diálogo complementar entre as fronteiras externas e internas, fortalecendo a cooperação da Biblioteconomia com outros campos e disciplinas do conhecimento pelo viés da informação.



Sugestão de Leitura

BARBER, E. Encuentros de Educadores e Investigadores en el area de Bibliotecología y Ciencia da la Información: panorama histórico. In: ENCUENTRO DE DOCENTES E INVESTIGADORES DE BIBLIOTECOLOGÍA DEL PERU, 1., 2002, Lima. **Anais...** Lima: [s.n.], 2002.

CASTRO, C. A. **História da Biblioteconomia brasileira:** perspectiva histórica. Brasília: Thesaurus, 2000.

SOUZA, F. das C. de. A ABEED e o currículo de bacharelado em Biblioteconomia, de 1967 a 2000. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 21, n. 1, p. 203-212, jan./abr. 2011.

SOUZA, F. das C. de. **O ensino de Biblioteconomia no contexto brasileiro.** 2. ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2009.

INFORMAÇÕES PARA A PRÓXIMA UNIDADE

Conhecidos os setores curriculares da Biblioteconomia e as possíveis fronteiras externas e internas instituídas no currículo, vale agora destacar de forma mais precisa como se dão as relações da Biblioteconomia com a Arquivologia, Museologia, Documentação e Ciência da Informação, construindo mais subsídios para a compreensão das fronteiras internas da Biblioteconomia no campo da informação.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. A. A. **Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação: o diálogo possível**. Brasília: Briquet de Lemos, 2014.

BARBOSA, R. R. Perspectivas profissionais e educacionais em Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 1, p.53-60, 1998.

BRASCHER, M.; CAFÉ, L. Organização da Informação ou Organização do Conhecimento? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9.; ENANCIB, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Ed. USP, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. CNE/CES 492/2001. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 9 jul. 2001. Seção 1e, p. 50.

DAVANSO, A. M.; ZANAGA, M. P. Organização curricular dos cursos de Biblioteconomia brasileiros. In: ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 16.; ENCONTRO DE INICIAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E INOVAÇÃO, 1., 2011, Campinas. **Anais...** Campinas: PUC-Campinas, 2011.

MUELLER, S. P. M. Avaliação do estado da arte da formação em Biblioteconomia e ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 17, n. 1, p. 71-81, jan./jun. 1988.

SACRISTÁN, J. C. **O currículo uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, A. M. Arquivística, Biblioteconomia e Museologia: do empirismo patrimonialista ao paradigma emergente da ciência da informação. In: INTEGRAR – CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, BIBLIOTECAS, CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO E MUSEUS, 1., 2002, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. p. 573-607.

SILVA, J. L. C. Normatividade, tecnicidade e/ou cientificidade da Biblioteconomia. **TransInformação**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 5-17, jan./abr. 2013.





UNIDADE 4

O CAMPO BIBLIOTECONÔMICO- INFORMACIONAL E SUAS RELAÇÕES COM A ARQUIVOLOGIA E A MUSEOLOGIA

4.1 OBJETIVO GERAL

Descrever as relações históricas no campo da informação entre Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia que formam o contexto da atuação profissional.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta Unidade, você seja capaz de:

- a) identificar e descrever as relações entre Biblioteconomia e Arquivologia;
 - b) identificar e descrever as relações entre Biblioteconomia e Museologia.
-



4.3 INTRODUÇÃO

A Biblioteconomia, por lidar com informação e com muitas perspectivas de práticas interdisciplinares, possui fronteiras externas, ao se relacionar com áreas do conhecimento das Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas e outras áreas. Ao mesmo tempo, possui fronteiras internas, vinculadas ao chamado campo da informação, quando se relaciona diretamente com outras disciplinas de caráter similar, como a Arquivologia e a Museologia.

A Biblioteconomia possui formas diferentes de se relacionar com a Arquivologia e a Museologia porque, embora tais disciplinas sejam semelhantes, apresentam particularidades que precisam ser respeitadas. Como Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia compõem o núcleo da atuação profissional do campo da informação, há muitas possibilidades de relações e práticas interdisciplinares entre as três disciplinas.

Essas e outras questões serão discutidas nesta Unidade, visando a compreensão sobre como Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia se relacionam.



4.4 RELAÇÕES HISTÓRICAS NO CAMPO DA INFORMAÇÃO: BIBLIOTECONOMIA, ARQUIVOLOGIA E MUSEOLOGIA

O conceito de “campo biblioteconômico-informacional” não é único. Há várias perspectivas ou correntes para se definir o que seria o campo biblioteconômico-informacional, as quais podemos dividir em:

- a) o campo da Ciência da Informação envolvendo as disciplinas de Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia e Documentação (visão específica do campo biblioteconômico-informacional);
- b) o campo da Ciência da Informação relacionado ao campo da Comunicação, formalizando uma relação concreta entre informação e comunicação;
- c) um conjunto de campos que envolve as Ciências Sociais Aplicadas (Comunicação, Ciência da Informação e Administração), Ciências Humanas e Ciências Exatas e Tecnológicas, que investiga os conceitos e práticas de informação sob diversas óticas, processos, fluxos e suportes;

d) o pensamento biblioteconômico-informacional atrelado a noções como política de informação, economia da informação, gestão da informação, regime de informação, processos de informação e fluxos de informação, que auxiliam na aplicação dos conceitos de informação no âmbito da cultura, política e educação.

Nesta Unidade, a discussão será focalizada na primeira corrente do campo da informação, buscando a compreensão das relações históricas (percebendo também as semelhanças e particularidades) entre Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, **que formam o campo da informação no âmbito da atuação profissional.**

4.4.1 Relações entre Biblioteconomia e Arquivologia

As relações históricas entre Biblioteconomia e Arquivologia são intensas, apresentando muitas semelhanças, especialmente nas origens. Porém, no transcorrer histórico, cada disciplina foi apresentando algumas particularidades pelas formas de desenvolvimento.

Araújo (2011) afirma que Biblioteconomia e Arquivologia são igualmente antigas e ligadas ao surgimento dos suportes escritos do conhecimento humano. Ambas desenvolveram, ao longo dos séculos, técnicas e procedimentos para, num primeiro momento, conservar e guardar documentos; depois, organizá-los de maneira a serem recuperados; e, em tempos mais recentes, para tornar acessíveis seus conteúdos.

Biblioteconomia e Arquivologia também são disciplinas historicamente relacionadas pelo uso de técnicas para organização e recuperação com o objetivo voltado para a prática. Isso significa que ambas as áreas tiveram problemas para desenvolver um conjunto de conhecimentos propriamente científicos.

O diálogo entre Biblioteconomia e Arquivologia se desenvolveu historicamente a partir de dois grandes conceitos que são intimamente ligados: documento e informação.

Quanto ao conceito de documento, há uma clara relação entre a ideia de documento nos fazeres da biblioteca e do arquivo. No entanto, ao mesmo tempo que o conceito de documento aproxima Biblioteconomia e Arquivologia no sentido das atividades da salvaguarda documental em bibliotecas e arquivos, respectivamente, há certo distanciamento de caráter conceitual e prático do documento em ambas as áreas.

Para Currás (1982), Biblioteconomia, Arquivologia, Documentação e Informação fazem parte das chamadas ciências documentais, por atuarem com documentos e, a partir disso, extraírem informação. O que difere Biblioteconomia e Arquivologia são os tipos de documentos com que cada área atua.

Na Biblioteconomia, o conceito de documento foi fruto do amadurecimento na relação com a Documentação. Embora, como destaca Fonseca (1988, p. 87):

[...] desde suas origens, a Documentação distinguiu-se claramente da Biblioteconomia, embora fosse evidente sua ligação com a Bibliografia, da qual se desprenderia quando a CDU começou a ser aplicada em arquivos e outros órgãos documentológicos.

No Brasil, houve uma apropriação muito intensa pela Biblioteconomia das práticas da Documentação desenvolvidas por *Otlet* nos séculos XIX e XX.

A noção de documento na Biblioteconomia está mais ligada à construção de técnicas e linguagens documentárias com múltiplas finalidades no fazer das bibliotecas, quais sejam, organização de acervos, mensuração da produção científica (uso das chamadas métricas de informação, como a Bibliometria), disseminação e mediação da informação, entre outras. Segundo Bellotto (2006), os documentos de biblioteca são resultados de uma criação artística ou de uma pesquisa que objetivam a divulgação técnica, científica, humanística e filosófica.

Na Arquivologia, o documento toma uma dimensão mais ampla considerando a realidade de práticas em arquivos. Para Paes (2006, p. 26), o documento de arquivo é:

- 1) Aquele que, produzido e/ou recebido por uma instituição pública ou privada, no exercício de suas atividades, constitua elemento de prova ou informação; 2) Aquele produzido e/ou recebido por pessoa física no decurso de sua existência.

Bellotto (2006) considera ainda que o documento de arquivo é produzido no desenrolar das atividades e funções jurídicas ou administrativas, apresentando relações orgânicas entre si.

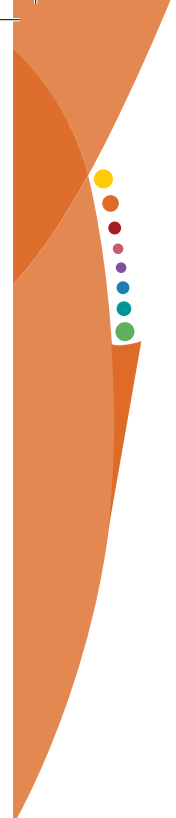
O documento na Biblioteconomia está mais vinculado à ideia de processo de informação (organização, disseminação/mediação de livros, artigos, revistas e outros suportes bibliográficos/documentais para acesso e uso do documento), enquanto na Arquivologia o documento apresenta um caráter mais institucional, jurídico ou administrativo. Assim, a grande diferença do documento nas duas áreas reside na origem: na Biblioteconomia, possui caráter mais difusionista; enquanto na Arquivologia é mais preservacionista, embora a Biblioteconomia também se preocupe com a preservação e a Arquivologia com a difusão.

Com relação ao conceito de informação na Biblioteconomia, pode-se afirmar que este possui ampla dimensão pragmática ligada às ações da biblioteca no sentido de que “o objetivo maior da biblioteca digital é consistente com aquele da biblioteca convencional, isto é, organizar, distribuir e preservar os recursos informacionais” (CHOI; RASMUSSEN, 2006, p. 1).

Silva (2014) destaca que o significado de informação na biblioteca passa pelas seguintes condições pragmáticas:

- a) a densidade semântica da informação em biblioteca contemplada pelo acesso depende, sobretudo, das **fontes de informação** (incluindo suas formas de representação documentária), da proposição de serviços e de sua adequação às necessidades dos sujeitos/usuários, comprovando que a informação em biblioteca só é efetivamente concretizada quando da apropriação do sujeito/usuário;
- b) é por meio dos serviços de informação (referência, alerta, informação utilitária etc.) que as fontes de informação são mediadas/disseminadas pelas bibliotecas, e a informação (aquela apropriada pelo usuário) pode circular de forma mais dinamizada;
- c) os serviços de informação, especialmente utilitária/cotidiana, têm a finalidade de promover informação para setores diversos da





sociedade, considerando segmentos como a família, o trabalho, o lazer e a individuação dos sujeitos;

- d) a informação em biblioteca pode ser levada à plenitude social quando pensada a partir dos fundamentos cotidianos que cercam a realidade dos sujeitos/usuários. Seria uma forma da biblioteca fazer parte do dia a dia da comunidade de usuários e desmistificar a ideia de que a informação em biblioteca é restritiva ou difícil de ser apropriada.

A informação na Biblioteconomia está relacionada às formas como a biblioteca dinamiza os diversos tipos de documentos (livros, artigos, revistas, materiais iconográficos, audiográficos, bibliografias etc.) em termos de organização, disseminação/mediação, acesso, recuperação, uso e apropriação pelos sujeitos que utilizam informação e como disponibiliza serviços e produtos para satisfazer necessidades, desejos e demandas de informação.

Na Arquivologia, a informação possui uma dimensão mais institucional, jurídica e administrativa como fenômeno sistêmico. Silva et al. (1999, p. 214) afirma que [...]

[...] o arquivo emerge, sistêmico, do fenômeno da informação e pode dizer-se que ele mergulha fundas raízes na própria ação humana centrada na sociedade e geradora aí da fenomenalidade informacional.

Pelo caráter sistêmico, institucional e administrativo, a informação na Arquivologia e nas práticas do arquivo possui o caráter de informação orgânica. Carvalho e Longo (2002, p. 115) definem que:

A informação orgânica é um conjunto de informações sobre um determinado assunto, materializado em documentos arquivísticos e que foi produzido no cumprimento das atividades e funções das organizações.

A informação orgânica é produzida por entidades, ou seja, indivíduos e instituições no exercício de funções e atividades por meio do registro em documentos de arquivo. Os registros são gerados, portanto, durante uma sequência de trâmites administrativos que compõem as transações das atividades que, por sua vez, permitem a execução de funções administrativas. Esse processo é denominado fluxo documental (GAMA; FERNEDA, 2010).

É a compreensão e aplicação da informação orgânica que possibilita o tratamento dos documentos arquivísticos, bem como dinamiza as práticas de gestão documental, pois com documentos organizados e gerenciados de forma clara e adequada é possível subsidiar os processos decisórios na organização em que o arquivo está situado (arquivo público ou privado, pessoal ou jurídico, físico ou administrativo etc.).

Como afirmam Lousada e Valentim (2011), a informação orgânica é um dos elementos que subsidia o processo decisório, visto que é um recurso informacional acessível somente pela própria organização, fato que a torna um recurso informacional estratégico, principalmente após análises diferenciadas em que é possível adicionar valor à informação original, transformando-a em um insumo informacional diferenciado. Este tipo de informação se constitui em um dos fatores responsáveis pela sobrevivência das organizações, visto que desempenha papel relevante no processo decisório, propiciando ao gestor conhecimento sobre os pontos fortes e fracos da organiza-

ção e, conseqüentemente, proporcionando mais segurança no momento da decisão em relação aos riscos e incertezas, influenciando diretamente o desempenho da organização.

O quadro que segue apresenta as relações entre Biblioteconomia e Arquivologia, principalmente no âmbito das práticas com documentos e informação, mostrando semelhanças/afinidades e particularidades:



Quadro 9 – Relações entre Biblioteconomia e Arquivologia: documento e informação

Semelhanças/afinidades		Particularidades	
Documento	Informação	Biblioteconomia	Arquivologia
Preservação de documentos	Informação orgânica e inorgânica	Fundamentos teóricos da Biblioteconomia e Ciência da Informação	Fundamentos teóricos da Arquivologia
Organização de documentos	Recuperação da informação	Histórias das práticas documentais e informacionais da biblioteca	História das práticas documentais e informacionais do arquivo
Uso de tecnologias em bibliotecas e arquivos	Acesso e uso da informação	Organização e tratamento da informação	Gênese documental
	Avaliação de bibliotecas	Avaliação de arquivos	
Fluxo documental: geração e acesso	Usuários da informação	Funções biblioteconômico-informacionais: produção, organização, difusão, acesso, uso e apropriação da informação	Funções arquivísticas: produção, avaliação, classificação, descrição, conservação e difusão documental.
Documento como indício, prova e testemunho	Serviços de informação	Conexões da Biblioteconomia e Ciência da Informação com as demais ciências	Conexões da Arquivologia com as demais ciências
Memória, patrimônio e cultura	Produtos de informação	Bases deontológicas e éticas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação	Bases deontológicas e éticas da Arquivologia
Memória documental	Informação e memória	O contexto da produção de documentos e informação na biblioteca	O contexto de produção dos documentos e informação de arquivo.
Gestão, custódia, conservação, depósito legal e curadoria	Informação, história e cultura	Políticas de biblioteca	Políticas de arquivo

Fonte: produção do próprio autor (2017).

Biblioteconomia e Arquivologia são disciplinas muito próximas que se relacionam cotidianamente nas práticas técnicas e profissionais, mas apresentam autonomia e particularidade em muito dos seus fazeres, o que, prova que o campo da informação é diversificado. Vale destacar que quando se fala em semelhança entre as duas disciplinas, não se quer dizer que sejam iguais, mas que há relações diretas em comum; e que, quando se fala em particularidades, significa que Biblioteconomia e Arquivologia possuem caminhos próximos, mas com finalidades diferentes.



4.4.2 Atividade

Atende ao objetivo “a)”

Realize uma pesquisa visitando um site de um departamento/faculdade/escola de Ciência da Informação que contenha os cursos de Biblioteconomia e Arquivologia e elabore um texto respondendo às seguintes perguntas:

- quais as disciplinas em comum entre os dois cursos?;
- quais disciplinas da Biblioteconomia e da Arquivologia estão ligadas à ideia de documento e quais as relações das disciplinas (semelhanças e particularidades) entre as duas áreas?;
- quais disciplinas da Biblioteconomia e da Arquivologia estão ligadas à ideia de informação e quais as relações das disciplinas (semelhanças e particularidades) entre as duas áreas?

Resposta comentada

A ideia é que você compreenda na integralização curricular de cursos de Biblioteconomia e Arquivologia quais as relações (semelhanças e particularidades) entre cada área.

Para fins de exemplificação: você pode escolher os cursos de Biblioteconomia e Arquivologia da UnB (<<http://www.fci.unb.br/>>) e observar quais são as disciplinas em comum entre os dois cursos e listá-las. Normalmente os cursos de Biblioteconomia e Arquivologia possuem disciplinas de formação geral que são oferecidas aos dois cursos. Para observar as disciplinas em comum entre os dois cursos no contexto do documento e da informação, a recomendação é que veja a ementa das disciplinas dos cursos que escolheu visitar via site, pois você terá maior riqueza de detalhes sobre isso, ressaltando que se quiser contemplar cursos de diferentes instituições também é uma opção. Você pode contemplar outros casos, como o curso de Biblioteconomia da *Universidade Federal da Bahia* (UFBA) e o curso de Arquivologia da *Universidade Federal Fluminense* (UFF), ou o curso de Arquivologia da *UFMG* e o curso de Biblioteconomia da *UFSC*.

4.4.3 Relações entre Biblioteconomia e Museologia

As relações entre Biblioteconomia e Museologia são bem menos intensas do que entre Biblioteconomia e Arquivologia. A menor intensidade pode ser atestada no discurso de Currás (1982), que afirma que a Museologia não integra as chamadas ciências documentais em virtude do fato de que os museus são espaços focalizados em conservar as obras de arte, assumindo, portanto, a posição de que seus objetos são distintos dos documentos escritos.

Porém, independentemente da intensidade, há relações entre a Biblioteconomia e a Museologia que merecem destaque. Araújo (2011, p. 119-120) revela que:

A Museologia partilha, com Biblioteconomia e Arquivologia, de algumas características: tradição milenar, preocupação inicial com a preservação passando para a organização e chegando à acessibilidade, produção de conhecimentos essencialmente manualística e procedimental. [...] Algumas aproximações entre Museologia e as áreas de Biblioteconomia e Arquivologia ocorreram, sobretudo na França (por meio da ideia de disciplinas da área de Política Cultural) e na Espanha (a partir do modelo das ciências documentais, as ciências do patrimônio).

Biblioteconomia e Museologia possuem aspectos similares na origem, que estão ligados à organização do conhecimento, preservação da memória, produção, disseminação, mediação, acesso e uso do conhecimento. Porém, no desenvolvimento de ambas as áreas há diferenças estabelecidas no tocante ao objeto de trabalho de cada uma.

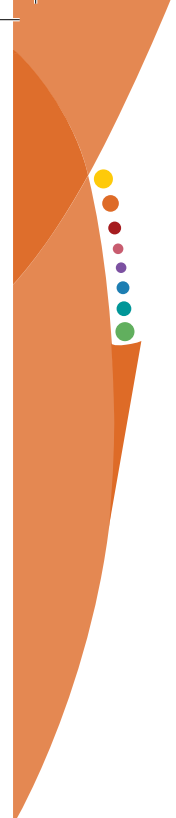
A Biblioteconomia, mais focada nas práticas de informação e documentação, construiu um conjunto de técnicas especializadas que dinamizam os processos de informação (geração/produção, organização, mediação, acesso, recuperação, uso, apropriação e outros processos de informação). Já a Museologia, mais focada no artefato, desenvolve práticas de cunho cultural e artístico, principalmente pautada nas ideias de política e mediação cultural.

O interessante que relaciona as duas áreas é que a Museologia pode utilizar algumas técnicas da Biblioteconomia e da Documentação para organização, preservação da memória e dinamização artístico-cultural e a Biblioteconomia pode se apropriar das atividades de política e mediação cultural para o desenvolvimento social e informacional por intermédio das bibliotecas.

Outra relação entre Biblioteconomia e Museologia reside na realização de estudo de usuários, mas a Museologia se apropriou e adaptou o nome para estudo de público. Segundo Studart, Almeida e Valente (2003, p. 129):

Os estudos de público vêm atraindo o interesse crescente de profissionais que atuam nos museus e se constituem, hoje, em aspecto cada vez mais relevante para o planejamento da instituição, refinamento de seus programas e atendimento ao público.





Os estudos de público auxiliam nas práticas de política e mediação cultural em museus, assim como no planejamento, gestão e serviços oferecidos por eles. Biblioteconomia e Museologia possuem perspectivas diferentes na atuação das bibliotecas e museus, sendo necessário preservar a autonomia em cada ambiente de informação, mas partilham de técnicas, modelos, serviços e práticas de planejamento para a execução de suas atividades.

Uma questão, porém, que problematiza os rumos de atuação da Museologia é que as práticas museológicas estão a serviço de vários outros campos do conhecimento, como a Comunicação, História, Antropologia/Arqueologia/Paleontologia, Artes, Arquitetura, Geologia etc. *A priori*, tais relações possibilitariam práticas interdisciplinares mais amplas, mas na prática não é precisamente o que acontece.

Araújo (2014) destaca que se há uma produção sobre museus de arte, quase toda a discussão fica centrada na questão da arte e a problemática propriamente museológica é mínima. Um dos resultados disso é o esvaziamento da Museologia como campo de conhecimento específico: por detrás dos conhecimentos produzidos está sempre um “outro”, um historiador, um artista, um antropólogo. O pouco que resta de uma discussão especificamente museológica reduz-se, usualmente, em manuais que descrevem práticas e técnicas a serem adotadas, que analisam experiências e estudos de casos bem ou malsucedidos. O outro resultado é a enorme dispersão institucional da Museologia: em alguns locais ela está vinculada a escolas, institutos ou faculdades de Belas Artes; em outros, à História; em outros, à Antropologia ou Arqueologia; em outros ainda, às Ciências Biológicas ou Geológicas. Estes diferentes grupos muitas vezes não conversam entre si, impossibilitando a construção de um corpo consistente de conhecimentos.

Essa dispersão institucional da Museologia inibe uma relação mais concreta com a Biblioteconomia, no sentido de aproximar as práticas técnicas (organização e tratamento da informação/documento/artefato), culturais (política e mediação cultural) e pedagógicas (construção de serviços e estudos de usuários/públicos), embora seja visível o potencial de ação conjunta entre Biblioteconomia e Museologia.

Outra relação entre Biblioteconomia e Museologia está nas práticas de informação e documentação. A concepção tradicionalista de objeto museológico, valorizada pela sua materialidade, passa à valorização do objeto como documento, como fonte ilimitada de informação. Tal perspectiva introduz potencialidades sobre o que é um objeto museológico e amplia a concepção teórica sobre a Museologia (MARQUES, 2010).

Por fim, a informação em museu é sustentada pela tríade coleção-espaço-informação, sendo que o êxito desta última depende amplamente das maneiras como as duas primeiras são concebidas (SILVA, 2014), sendo essa também uma preocupação da Biblioteconomia e das práticas informacionais em bibliotecas.

O Quadro 10 a seguir estabelece as potenciais proximidades entre Biblioteconomia e Museologia. O uso do termo potencialidade se dá porque é apenas na prática interdisciplinar que essas relações se efetivam, embora ambas as áreas possuam suas particularidades.

Quadro 10 – Relações potenciais entre Biblioteconomia e Museologia

Tipos de relações	Finalidades	
	Biblioteconomia e Ciência da Informação	Museologia
Organização da informação	Organização de documentos variados em bibliotecas	Organização de coleções/artefatos em museus
Preservação da memória	Memória documental	Memória patrimonial
Práticas culturais	Política e mediação da informação	Política e mediação cultural
Práticas pedagógicas	Serviços de informação para bibliotecas	Serviços de informação para museus
Práticas de informação	Informação como processo e como prática documental	Informação como prática de coleção/artefato de museus
Gestão e planejamento	Gestão da informação em bibliotecas e outros ambientes informacionais/organizacionais	Gestão de museus
Estudo de usuários	Estudo de usuários da informação	Estudo de público em museus

Fonte: produção do próprio autor (2017).

Em síntese, a relação entre Biblioteconomia e Museologia é pragmática, na medida em que há proximidade documental, informacional, gerencial, cultural, política, pedagógica e de preservação da memória entre as duas áreas, mas ressaltando as particularidades e finalidades de cada uma.



4.4.4 Atividade

Atende ao objetivo “b)”

Realize uma pesquisa da seguinte forma:

- visite uma biblioteca de qualquer tipo (pública, escolar, universitária, especializada etc.);
- visite um museu de qualquer tipo.

Diante das visitas recomendadas, responda às seguintes perguntas:

- quais as formas de organização do acervo/coleção da biblioteca e museu visitados?;



- b) quais os serviços oferecidos pela biblioteca e pelo museu?;
- c) como é desenvolvida a gestão da biblioteca e do museu?;
- d) como é realizado o estudo de usuários da biblioteca e o estudo de público no museu?

Você pode fazer a visita e inserir essas perguntas como uma espécie de questionário a ser aplicado com o diretor ou profissional responsável pela biblioteca ou museu, a fim de, depois, fazer uma análise de dados e interpretar as respostas.

Resposta comentada

A pretensão desta atividade é que você visualize na prática as relações (semelhanças e particularidades) das atividades desenvolvidas pelas bibliotecas e pelos museus, a fim de verificar como se dá em termos práticos a relação entre Biblioteconomia e Museologia.

Para fins de exemplificação: você pode visitar a biblioteca pública e o museu público de sua cidade e aplicar o questionário com as perguntas recomendadas. Vale ressaltar que todas as perguntas merecem respostas comparativas, ou seja, quando se fala na organização, serviços oferecidos, gestão, estudo de usuários/estudo de público da biblioteca e do museu é interessante que, a partir das respostas dos questionados, seja feita uma análise mostrando semelhanças e particularidades acerca de como são realizadas as atividades em ambas as instituições.

É pertinente que a análise dos dados seja feita de forma estruturada, inserindo a resposta dos dois tipos de ambientes de informação questionados da seguinte forma:

- a) texto breve explicando o motivo pelo qual a pergunta foi feita;
- b) elaboração de um quadro contendo as respostas de cada questão (cada questão deve conter um quadro com as duas respostas – biblioteca e museu);
- c) análise/interpretação dos dados coletados pelo questionário (seu entendimento sobre as respostas dos questionados).

As respostas dos questionados e a análise dos dados coletados pelo questionário permitirá a você construir um corpo de conhecimentos acerca das relações entre Biblioteconomia e Museologia na prática cotidiana das bibliotecas e museus.



4.5 Atividade final

Atende aos objetivos "a)" e "b)"

Faça um texto dissertativo respondendo às seguintes questões:

- a) quais as relações entre Biblioteconomia e Arquivologia?;
- b) quais as relações entre Biblioteconomia e Museologia?;

- c) qual o significado de documento na Biblioteconomia e na Arquivologia?;
- d) conforme o argumento de Araújo (2011), qual é um dos grandes problemas da Museologia como área do conhecimento?



Resposta comentada

A atividade tem por objetivo saber seu nível de compreensão sobre as relações entre Biblioteconomia e Arquivologia, e entre Biblioteconomia e Museologia. Procure retratar as semelhanças e particularidades/diferenças entre as áreas. Procure também perceber a diferença de significado do documento na Biblioteconomia e na Arquivologia, assim como problemas da área de Museologia como disciplina do conhecimento.

Para fins de exemplificação:

- a) quais as relações entre Biblioteconomia e Arquivologia?
- defina as relações no contexto da informação, do documento e dos setores curriculares como Fundamentos Teóricos, Organização e Tratamento da Informação, Gestão de Unidades de Informação, Tecnologias da Informação e Recursos e Serviços de Informação. (Ver com mais detalhes o Quadro 9).
- b) quais as relações entre Biblioteconomia e Museologia?
- defina as relações no contexto da organização da informação, preservação da memória, práticas culturais, práticas pedagógicas, práticas de informação, gestão da informação e estudo de usuários. (Ver com mais detalhes o Quadro 10).
- c) qual o significado de documento na Biblioteconomia e na Arquivologia? (Ver com mais detalhes o Quadro 9);
- d) conforme o argumento de Araújo (2011), qual é um dos grandes problemas da Museologia como área do conhecimento? (Ver citação de Araújo (2011) no texto).

4.6 CONCLUSÃO

O campo da informação é vasto e possui muitas relações entre suas disciplinas. No contexto da atuação profissional, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia possuem um conjunto de semelhanças, diferenças e particularidades que caracterizam a proximidade entre cada área, ao mesmo tempo que caracterizam a autonomia de cada disciplina.

Pensar a relação entre Biblioteconomia e Arquivologia pressupõe um caráter interpretativo pelas possíveis proximidades institucionais que possuem no contexto das práticas documentais e informacionais, incluindo o

fato de que a Arquivologia se apropria de alguns elementos da Biblioteconomia e da Documentação para se desenvolver.

Já a relação entre Biblioteconomia e Museologia, embora não seja tão intensa quanto a relação entre Biblioteconomia e Arquivologia, se apresenta com muitas proximidades nas práticas pedagógicas e de organização da informação, além da política e mediação cultural.

É interessante observar uma atuação integrada das três disciplinas, buscando um reconhecimento mais amplo na atuação das bibliotecas, arquivos e museus, além do reconhecimento dos profissionais que gerenciam esses ambientes de informação.

4.7 RESUMO

O campo da informação apresenta diversas concepções e muitas controvérsias. No contexto específico do campo da informação que estabelece as relações entre Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia, Documentação e Ciência da Informação, as três primeiras disciplinas exercem o contexto da atuação e prática profissional desse campo.

A relação entre Biblioteconomia e Arquivologia se baseia na existência de algumas possíveis e específicas aproximações em termos de intercâmbios de domínios de conhecimento, de métodos e aplicações profissionais, em especial, no âmbito das práticas documentais e informacionais.

A relação entre Biblioteconomia e Museologia está mais vinculada a aspectos da política e mediação cultural.



Sugestão de Leitura

MOURA, K. A.; MELO, J. F.; SILVA, C. F. M. Contextualização teórica das práticas, afastamentos e aproximações entre arquivos, bibliotecas e museus. **Revista Teste**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 86-99, [20--?].

RENDÓN ROJAS, M. Á. (Coord). **Bibliotecología, archivística, documentación**: intradisciplina, interdisciplinar o transdisciplinariedad. México: Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, 2011.

TANUS, G. F. de S. C.; ARAÚJO, C. A. A. Proximidades conceituais entre Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. **Biblionline**, João Pessoa, v. 8, n. 2, p. 27-36, 2012.

TANUS, G. F. de S. C.; RENAULT, L. V.; ARAÚJO, C. A. A. O conceito de documento em Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. **Revista Brasileira de Bibliografia e Documentação**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 158-174, 2012.

THIESEN. I. Museus, arquivos e bibliotecas entre lugares de memória e espaços de produção do conhecimento. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Cláudia Penha dos. **Museu e museologia: interfaces e perspectivas**. Rio de Janeiro: MAST, 2009.



INFORMAÇÕES PARA A PRÓXIMA UNIDADE

Após a discussão sobre as relações entre Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, que compõem o núcleo de atuação profissional do campo da informação, é pertinente a discussão sobre os aspectos que norteiam o núcleo de atuação técnico-científica, por meio das relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. A. A. Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia: relações teóricas e institucionais. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 16, n. 31, p. 110-130, 2011.

BELLOTTO, H. L. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. cap. 2, p. 35-43.

CARVALHO, E. L.; LONGO, R. M. J. Informação orgânica: recurso estratégico para tomada de decisão pelos membros do Conselho de Administração da UEL. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 7, n. 2, p. 113-133, jul./dez. 2002.

CHOI, Y.; RASMUSSEN, E. What is needed to educate future digital librarians. **D-lib magazine**, [S.l.], v. 12, n. 9, p. 1-8, Sept. 2006.

CURRÁS, E. **Las ciencias de la documentación**: bibliotecología, archivología, documentación e información. Barcelona: Mitre, 1982.

FONSECA, E. N. da. **Problemas brasileiros de documentação**. Brasília: IBICT, 1988.

GAMA, Fernando Alves; FERNEDA, Edberto. A mediação da informação nos arquivos permanentes: serviços de referência

arquivística no ambiente digital. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 15, n. 2, p. 148 – 169, jul./dez. 2010.

LOUSADA, M.; VALENTIM, M. L. P. Modelos de tomada de decisão e sua relação com a informação orgânica. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 147-164, jan./mar. 2011.

MARQUES, I. da C. **O museu como sistema de informação**. 2010. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2010.

PAES, M. L. **Arquivo**: teoria e prática. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SILVA, A. M. et al. **Arquivística**: teoria e prática de uma ciência da informação. Porto: Afrontamento, 1999.

SILVA, J. L. C. **Múltiplas interlocuções da informação no campo da Ciência da Informação no âmbito dos fundamentos técnico-pragmáticos, humanos e científicos**. 2014. 490f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Orientadora: Profa Dra Henriette Ferreira Gomes.

STUDART, D.; ALMEIDA, A. M.; VALENTE, M. E. Pesquisa de Público em Museus: desenvolvimento e perspectivas. In: GOUVÊA, G.; MARANDINO, M.; LEAL, M. C. (Org.). **Educação e Museu**: a construção social do caráter educativo dos museus de ciência. Rio de Janeiro: Access, 2003. p. 129-159.

UNIDADE 5

O CAMPO BIBLIOTECÔNOMICO- INFORMACIONAL E SUAS RELAÇÕES COM A DOCUMENTAÇÃO E A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

5.1 OBJETIVO GERAL

Descrever as relações históricas no campo da informação entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, que formam o contexto da atuação técnico-científica.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta Unidade, você seja capaz de:

- a) caracterizar as relações entre Biblioteconomia e Documentação;
 - b) caracterizar as relações entre Biblioteconomia e Ciência da Informação.
-



5.3 INTRODUÇÃO

A Biblioteconomia, como área de atuação profissional e produtora de conhecimentos científicos, faz parte do chamado campo da informação. Para a produção do conhecimento científico é fundamental a compreensão sobre o diálogo e a relação da Biblioteconomia com a Documentação e a Ciência da Informação.

Os domínios da Biblioteconomia, da Documentação e da Ciência da Informação apresentam muitas particularidades, semelhanças e diferenças, mas a relação entre esses domínios está, sobretudo, ligada a conflitos políticos, científicos e institucionais, tanto em nível global, quanto em nível nacional.

E como se dão essas relações históricas no campo da informação: as relações entre a Biblioteconomia e a Documentação, e entre a Biblioteconomia e a Ciência da Informação? Estas e outras questões serão discutidas nesta Unidade.

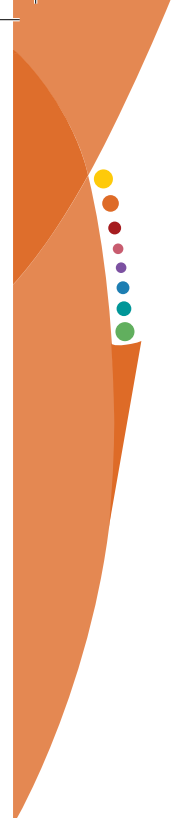


5.4 RELAÇÕES ENTRE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

As relações entre Biblioteconomia e Documentação apresentam grande complexidade e polêmica no campo da informação, principalmente por divergências de cunho político e institucional apresentadas no transcorrer histórico entre a Documentação, preponderante na Europa, e a Biblioteconomia especializada, preponderante nos EUA.

Ortega (2004, p. 7) destaca a relação entre Biblioteconomia e Documentação:

Por mais de quatro séculos, a Biblioteconomia foi quase sinônimo de Bibliografia. Considerando a Bibliografia como o princípio da Documentação, pode-se dizer que esta esteve unida à Biblioteconomia desde o século XV até fins do século XIX, quando Otlet e La Fontaine sistematizaram e desenvolveram a Documentação enquanto disciplina distinta da Biblioteconomia. Os europeus deram continuidade a estes estudos e aplicações até que os movimentos causados pela Segunda Guerra Mundial acentuaram estes avanços devido às necessidades específicas, dos países envolvidos, na recuperação de conteúdos a partir de tipos diversos de documentos, inclusive com tentativas rudimentares de recuperação mecânica da informação.



Biblioteconomia e Documentação possuem uma relação de origem desde o início da Idade Moderna pela Bibliografia. Historicamente, a Biblioteconomia foi tratada como a área do conhecimento que cuida das diversas facetas de tratamento dos livros. A Bibliografia surge como uma especialidade da Biblioteconomia a partir da estruturação de listas e catálogos de livros e outros documentos com o objetivo de facilitar o processo de busca nos acervos de bibliotecas. Já a Documentação surge com a perspectiva de promover tratamento aos mais variados suportes documentais, estabelecendo uma ampliação da atividade bibliográfica e documental.

Bradford (1961, p. 69) afirma que:

A biblioteconomia ocupa-se de todos os aspectos do tratamento dos livros, a tarefa do documentalista consiste em tornar disponível a informação original registrada em artigos de periódicos, folhetos, relatórios, especificações de patentes e outros registros semelhantes.

No entanto, as relações entre Biblioteconomia e Documentação foram mais conflituosas do ponto de vista político, no sentido de que cada uma procurava ocupar seus espaços no cenário internacional. Embora a Biblioteconomia surja etimologicamente ligada ao tratamento do livro, incorporou elementos, especialmente a partir do século XX, que ampliaram o fazer biblioteconômico.

O conflito político se estabelece (e se estende até hoje), a partir da polarização da chamada Biblioteconomia Especializada nos EUA, principalmente com as influências dos grandes estudiosos de classificação e organização do conhecimento em bibliotecas do século XIX, bem como a partir da *Escola de Biblioteconomia de Chicago* (a partir da década de 1930) e da Documentação na Europa (entre fins do século XIX até a década de 1930). Neste caso, há a constituição de duas disciplinas idênticas, mas tratadas como fenômenos políticos diferentes.

Em especial, vale destacar o trabalho da *Escola de Biblioteconomia de Chicago*, que através de expoentes como *Butler, Shera*, entre outros, estabeleceu estudos variados das práticas documentais em bibliotecas, mas esqueceu de valorizar estudiosos da própria Biblioteconomia estadunidense do século XIX, como *Panizzi, Dewey e Bliss*, criando certo hiato histórico-epistemológico da atividade biblioteconômica.

Diante do fato do conflito entre Biblioteconomia e Documentação ser muito mais político do que epistemológico, visto que ambas as disciplinas surgem com base em objetivos e fazeres (uso de técnicas e práticas humanas) similares, era muito comum que a Documentação, para se estabelecer como disciplina, evitasse utilizar termos adotados pela Biblioteconomia especializada e vice-versa, pois ambas as disciplinas buscavam uma afirmação e demonstração criativa como disciplinas autênticas e inovadoras.

Buckland (1996) entende que caso os Estados Unidos tivessem retomado os estudos dos primeiros documentalistas europeus e as propostas dos pioneiros estadunidenses que atuaram em fins do século XIX, os estudos teriam sido mais consistentes, eficazes e com custos até mais baratos.

Por outro lado, com a criação da Documentação e do *Instituto Internacional de Bibliografia (IIB)* em 1895 (depois passou a se chamar *Instituto*

Internacional de Documentação e, mais tarde, *Federação Internacional de Informação e Documentação*, que gerou perspectivas para construção de uma bibliografia universal intitulada *Repertório Bibliográfico Universal*), os documentalistas [...]

[...] tiraram da biblioteconomia suas técnicas e estratégias fundamentais utilizando [...] os catálogos de biblioteca do tipo tradicional e escolheram o Sistema Decimal de Dewey como base de sua classificação (SHERA, 1980, p. 91).

Biblioteconomia e Documentação possuem concretas afinidades do ponto de vista teórico, prático, histórico e epistemológico, que foram ofuscadas por questões políticas. López Yepes (1995) afirma que o conceito de Documentação empregado por *Paul Otlet* foi se fragmentando em virtude da polêmica Biblioteconomia *versus* Documentação.

O Quadro 11 a seguir estabelece relações entre a Biblioteconomia na Idade Moderna, pelas ideias de *Gabriel Naudé*, a Biblioteconomia estadunidense (séculos XIX e XX) e a Bibliografia/Documentação no fim do século XIX e durante o século XX, no qual é possível observar semelhanças e particularidades entre as duas áreas do conhecimento.

Quadro 11 – Ideias de *Gabriel Naudé*, *Melvil Dewey* e *Paul Otlet*

Linha do tempo	Exemplo	Função social da informação	Característica predominante
Até o final do século XIX	<i>Gabriel Naudé</i> (1600-1653) <ul style="list-style-type: none"> Bibliotecário-erudito. Organiza bibliotecas da classe dominante e concebe a biblioteca pública A diversidade de correntes de pensamento deve estar presente na biblioteca 	<ul style="list-style-type: none"> A informação reforça o poder. A biblioteca como espaço privilegiado da erudição e da liberdade de expressão. <p>A pessoa e seu poder.</p>	<p>ACESSO</p> <p>ERUDIÇÃO</p> <p>MODERNIDADE</p>
Final do século XIX e início do século XX	<i>Melvil Dewey</i> (1851-1931) Biblioteconomia moderna: <ul style="list-style-type: none"> serviços bibliotecários para usuários segmentados. busca pela praticidade. institucionalização da Biblioteconomia (ensino e associação profissional) 	<ul style="list-style-type: none"> A informação como meio para o desenvolvimento A biblioteca como adjuvante da ciência moderna <p>A pessoa e suas necessidades informacionais</p>	<p>UTILITARISMO</p> <p>COLEÇÃO</p> <p>SERVIÇO</p> <p>RACIONALIDADE MODERNA</p>
Entreguerras (1934)	<i>Paul Otlet</i> (1868-1944) Documentação: <ul style="list-style-type: none"> a organização da informação como constituição de uma rede. ênfase na informação em detrimento do documento. 	<ul style="list-style-type: none"> A informação como finalidade em si: a informação gera condições para provocar a paz. <p>A necessidade informacional da sociedade.</p>	<p>ACESSO E RECEPÇÃO</p> <p>ADAPTABILIDADE A NECESSIDADES CAMBIANTES</p> <p>MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE</p>

Fonte: adaptado de Tálamo e Smit (2007).



Diante do Quadro 11, pode-se perceber várias semelhanças entre a Biblioteconomia e a Documentação, tais como: o documento como elemento de organização; acesso, uso e recuperação da informação; estímulo à produção de técnicas e práticas documentais-informacionais de mensuração da produção científica em comum, como a Bibliometria; pensamento nas necessidades de informação da sociedade; e uso de múltiplos suportes documentais para atividades em bibliotecas (a Biblioteconomia incorporou e adaptou a multiplicidade de suportes documentais da Documentação).

No Brasil, porém, essa polêmica política não se deu de forma tão efetiva. Ao contrário, houve certa conexão epistemológica, política e institucional entre as duas áreas. Tal conexão se deu por vários motivos, a saber:

- a) a Documentação veio preencher algumas lacunas no campo de atuação da Biblioteconomia, ampliando práticas de organização de suportes documentais, havendo grande aceitação e receptividade por parte da comunidade biblioteconômica;
- b) o *IBBD* foi implantado em 1954 como órgão vinculado ao *CNPq* com influência direta da *UNESCO* e da *Fundação Getúlio Vargas (FGV)*, permitindo um planejamento conjunto, otimizando práticas acadêmicas e institucionais, reunindo profissionais e professores/pesquisadores das áreas de Biblioteconomia e Documentação em um mesmo projeto e objetivo científico, político e institucional;
- c) a Documentação chega mais fortemente ao Brasil quando a Biblioteconomia ainda estava amadurecendo seus eixos acadêmicos (abertura de vários cursos de nível superior nas décadas de 1940/50/60) e político-institucionais (regulamentação da área que ocorreu em 1962 e a elaboração do currículo mínimo em 1965), possibilitando maior abertura ao diálogo. Inclusive, **vários cursos de Biblioteconomia em nível nacional eram denominados de Biblioteconomia e Documentação**;
- d) a Documentação, quando se estabeleceu no Brasil, não tinha como finalidade a competitividade mercadológica ou política com a Biblioteconomia, mas o aprimoramento da prática profissional biblioteconômica, documental e informacional. Isso não quer dizer que houvesse sempre convergência entre Biblioteconomia e Documentação, mas, institucionalmente, houve aproximações concretas, tanto nas práticas de ensino (cursos de nível superior em Biblioteconomia), quanto nas práticas de ciência e pesquisa (criação do *IBBD*).

Assim, Biblioteconomia e Documentação caminham juntas até hoje no Brasil, seja nas práticas pedagógico-curriculares dos cursos de educação superior em Biblioteconomia, seja nas práticas de pesquisa em comum entre as duas áreas. Vale destacar que essas relações perderam fôlego com o advento da Ciência da Informação e sua introdução no Brasil, no final da década de 1960 e início da década de 1970.

Exponentes da Biblioteconomia e Documentação – Por um lado, Biblioteconomia e Documentação desenvolvem um conjunto de contribuições para organização e dinamização de documentos e informação. Por outro lado, estabelecem conflitos políticos que geram discussões até hoje sobre os significados em comum dos fazeres entre Biblioteconomia e Documentação. Pelo lado da Biblioteconomia, o destaque fica para *Butler* e *Shera* e, pelo lado da Documentação, o destaque fica para *Paul Otlet*.



5.5 RELAÇÕES ENTRE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO



A relação entre Biblioteconomia e Ciência da Informação se dá no século XX, após a Segunda Guerra Mundial, e se estabelece até hoje em lugares diversos do mundo.

Todavia, esta relação não é tão harmônica e apresenta problemas desde a origem da Ciência da Informação, aqui entendida como uma [...]

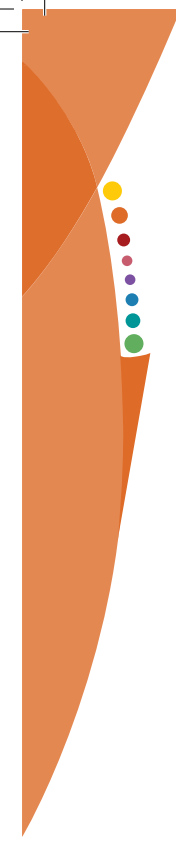
[...] disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam seu fluxo, e os meios de processá-la para otimizar sua acessibilidade e uso. Ela está preocupada com o corpo de conhecimentos relacionados com a coleta, organização, armazenagem, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação (BORKO, 1968, p. 3).

Há alguns aspectos que norteiam a relação entre Biblioteconomia e Ciência da Informação, são eles:

- a) a origem da Ciência da Informação;
- b) a ideia da Biblioteconomia se constituir como disciplina (prática profissional) ligada a um campo do conhecimento chamado Ciência da Informação (prática de pesquisa);
- c) as práticas de informação entre as duas áreas;
- d) as interferências da Ciência da Informação no currículo de Biblioteconomia.

Quanto ao primeiro aspecto, a origem da Ciência da Informação em termos cronológicos é confusa. Há quem date a origem desse campo em 1948, com a realização da *Royal Society Scientific Conference*, que discutiu e apresentou propostas para a solução de problemas de informação. Há quem date a origem no ano de 1962, na *Georgia Institute of Technology* no estado da Georgia, nos Estados Unidos, a partir da Conferência denominada *Conferences on Training Science Information Specialists* (Conferências sobre a formação de especialistas de Ciência da Informação). Barreto (2002, p. 3) fala sobre o advento da Ciência da Informação:

As idéias de Bush provocaram tamanho *frisson* na época, que foram parar em Londres. Em 1946, um ano após o término da Segunda Guerra, foi realizada em Londres a *Royal Empire Society Scientific Conference*, onde se discutiu muito pouco sobre informação, mas que levou à realização, em 1948, da *Royal Society Scientific Information Conferen-*



ce. Cerca de 340 cientistas e documentalistas de todo o mundo compareceram a essa Conferência, que durou dez dias úteis. Os seus *Proceedings* (1958) têm 723 páginas, com dois volumes e quatro seções: I – as publicações originais, II – serviços de resumo, III – indexação e outros serviços de Biblioteca, IV – revisões de literatura e relatórios anuais. A publicação dos *proceedings* levou dez anos para sair e foi editada nos Estados Unidos. Os cientistas de quase todas as áreas tinham propostas para resolver os problemas da gestão da informação, mas para não perder o *status* acadêmico, a nova área foi criada com o nome de Ciência da Informação. Os resultados da Conferência, apesar das 723 páginas, ficaram muito perto dos problemas apontados por Vannevar Bush.

Pelos assuntos estudados por *Bush* e pela Conferência realizada em 1948, é possível observar que parte considerável das questões levantadas que deram origem à Ciência da Informação foram apropriadas da Biblioteconomia (serviços de resumo, indexação e outros serviços de biblioteca) e da Documentação (publicações originais, revisões de literatura e relatórios anuais).

Chaim Zins afirma sobre a origem da Ciência da Informação:

Aparentemente, não há uma concepção uniforme de ciência de informação. O campo parece seguir abordagens e tradições diferentes; por exemplo, abordagens objetivas *versus* abordagens cognitivas, e a tradição da biblioteca *versus* a tradição da documentação *versus* a tradição da computação. O conceito tem diferentes significados, que implicam domínios de conhecimento diferentes. Os domínios de conhecimento diferentes implicam campos diferentes. Não obstante, todos são representados pelo mesmo nome, ciência de informação. Não surpreende que os estudiosos, os profissionais e os estudantes estejam confusos (ZINS, 2007, p. 2).

A Ciência da Informação possui uma origem ligada a várias outras áreas do conhecimento e fundamentos. Na área do conhecimento, há a Biblioteconomia, a Documentação e a Computação (vinculadas à recuperação da informação), além de outros setores das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas que auxiliaram ativamente no desenvolvimento da Ciência da Informação, como a Filosofia, Sociologia, Psicologia, Comunicação e Administração. Em fundamentos, há a influência da Teoria Matemática da Comunicação e da Teoria Sistêmica.

O segundo aspecto é consequência do primeiro, pois a Ciência da Informação não vem para substituir a Biblioteconomia. Ao contrário, a Ciência da Informação surge como campo vinculado à pesquisa para propor soluções para os problemas de informação ligados a práticas em bibliotecas, arquivos, museus, outros ambientes de informação, além de práticas de gestão, tecnologias, processos e fluxos de informação.

Por um lado, a Biblioteconomia oferece questões no âmbito da informação para que a Ciência da Informação investigue e produza perspectivas de elucidação ou solução. Por outro lado, a Ciência da Informação

precisa da Biblioteconomia para a construção de um diálogo informacional em nível técnico-científico e de prática profissional.

O terceiro aspecto estabelece a diferença entre a Ciência da Informação e a Biblioteconomia. Ambas são similares por atuarem com informação, documentação, organização, gestão, recursos, serviços e tecnologias da informação. Mas a Ciência da Informação lida com a informação para a formação de pesquisadores (cientistas da informação), incentivando a investigação técnico-científica; já a Biblioteconomia lida com a informação para a formação de bibliotecários e a atuação em ambientes de informação, especialmente bibliotecas (aplicação na prática profissional).

Por isso, Ciência da Informação e Biblioteconomia não são excludentes, mas, ao contrário, são complementares, pelo fato de que ambas se alimentam reciprocamente para o fortalecimento do campo da informação. Nesse sentido, a Ciência da Informação contribui para o desenvolvimento da Biblioteconomia nas pesquisas e no desenvolvimento de produtos e serviços, pois conforme retrata Borko (1968), a Ciência da Informação possui um componente de ciência pura, voltada para as pesquisas sobre fundamentos e um componente de ciência aplicada, no desenvolvimento de produtos e serviços.

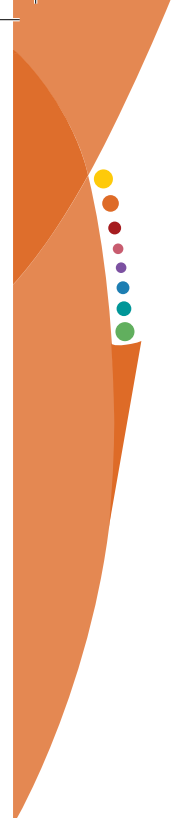
O quarto aspecto é resultados dos três primeiros. Como a origem da Ciência da Informação parte também da Biblioteconomia, como a Biblioteconomia se constitui como disciplina que dialoga diretamente com a Ciência da Informação, como ambas as áreas partilham o fenômeno da informação (cada qual com sua particularidade), há uma interferência marcante da Ciência da Informação no currículo da graduação em Biblioteconomia. Tal interferência se dá principalmente no que tange à construção de um currículo generalista, justificado pela teoria e prática informacional em ambientes diversos de informação, assim como pela inclusão de setores/assuntos relacionados a tecnologias da informação, gestão da informação, recursos e serviços de informação, entre outros.

No campo da informação, Biblioteconomia e Ciência da Informação possuem as relações científicas e práticas interdisciplinares mais estreitas. Mikhailov, Chernyi e Gilyarevskyi (1973) entendem que a natureza interdisciplinar da Ciência da Informação com a Biblioteconomia está na construção do objeto de estudo e de algumas atividades práticas em comum. Targino (1995) indica que a Ciência da Informação possui uma prática interdisciplinar mais íntima com a Biblioteconomia e a Documentação, pois estas são mais conhecidas do grande público e se caracterizam como interdisciplinares por conservarem como objeto de estudo a informação.

Segundo Pinheiro (2006), Ciência da Informação e Biblioteconomia são interdisciplinares por partilharem aspectos, tais como: práticas da informação que envolvem os processos de representação da informação; sistemas de recuperação da informação; necessidades e uso de informação; processamento automático da linguagem e bibliotecas digitais/virtuais.

Há algumas críticas sobre a relação entre Biblioteconomia e Ciência da Informação. Uma delas é que a formação de um currículo muito generalista na graduação em Biblioteconomia se deve à interferência da Ciência da Informação. Outra é que a Ciência da Informação po-





deria dar mais retorno à Biblioteconomia, no sentido de auxiliar na elaboração de modelos, teorias, técnicas e práticas informacionais (organização, mediação, acesso, uso, fontes, recursos, serviços, gestão, tecnologias e outros fenômenos de informação), dinamizando a atuação do bibliotecário. Tal crítica ocorre para aprimorar o diálogo entre as duas áreas, visando estimular nos pesquisadores da Ciência da Informação, pelo diálogo e apropriação crítica dos conceitos de outras áreas (como das Ciências Sociais Aplicadas, Humanas, Exatas, Tecnológicas, da Saúde etc.), a elaboração de procedimentos, métodos, técnicas, teorias e práticas informacionais para promover maior consistência à Biblioteconomia (de modo específico) e ao campo da informação (de forma mais geral).

O fato é que a relação entre Biblioteconomia e Ciência da Informação, embora polêmica, ainda é muito recente e possui muitas perspectivas de solidificação no transcorrer histórico.

Especificamente no Brasil, a relação entre Biblioteconomia e Ciência da Informação é conturbada desde o início, em fins da década de 1960 e início da década de 1970. Esta conturbação ocorre por fatores como: a criação do primeiro mestrado em Ciência da Informação pelo *IBBD*, em 1970, com sede no Rio de Janeiro; a mudança de *IBBD* para *IBICT*, em 1976, e a substituição, já na década de 1990, da pós-graduação em Biblioteconomia para pós-graduação em Ciência da Informação.

Quanto ao primeiro fator, a polêmica sobre a criação do mestrado em Ciência da Informação para a Biblioteconomia é justificada no argumento de Gomes (1974, p. 22) de que “embora o nosso objetivo não seja o de sanar falhas na graduação, sabemos que os professores das escolas de biblioteconomia procuram o curso com esse objetivo – daí, talvez, as críticas...”

O argumento apresentado gerou muita polêmica em virtude de que, embora a Ciência da Informação tenha surgido da Biblioteconomia e da Documentação, a criação da pós-graduação em Ciência da Informação *stricto sensu* (nível de mestrado) estava mais situada em investigações sobre informação em variadas áreas do conhecimento, desde as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas até as Ciências Exatas e Tecnológicas, incluindo professores de Biblioteconomia e bibliotecários.

Com relação ao segundo fator, embora o *IBBD* tenha sido criado por bibliotecários, como *Lydia Sambaquy* e *Edson Nery da Fonseca*, vale destacar que com a iniciação do mestrado da Ciência da Informação no Brasil, houve a mudança para *IBICT*, visando a adequação à nova realidade informacional apresentada. O CNPQ/*IBICT* (1976, p. 11), em documento publicado na revista *Ciência da Informação*, formaliza que:

Pela Resolução Executiva do CNPq, nº 20/76 de 25.03.76, foi criado o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, nos termos que se seguem: “Considerando a necessidade de fornecimento de Informações em Ciência e Tecnologia à comunidade para agilizar o Sistema Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — (SN-DCT); Considerando que o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação — *IBBD* vinha até o momento cuidando do assunto pelos aspectos documentários e bibliográficos, e Considerando que o aspecto da Disseminação da Informação assume

uma preponderância grande em função do estágio em que se encontra a tecnologia, o Presidente do CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO – CNPq, resolve:

Criar o INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA – IBICT como desenvolvimento natural do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação — IBBD. Fica assim extinto o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação — IBBD, cujos direitos e obrigações passam para o INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA – IBICT.” (Ass. José Dion de Melo Teles, Presidente do CNPq).

Nesse caso, a justificativa era de que o *IBBD*, como instituição bibliográfica e de documentação, não mais atendia plenamente aos anseios para provimento de informações para o desenvolvimento científico e tecnológico, havendo não somente uma mudança de nome, mas também de regimento e perspectivas práticas.

O terceiro fator é ainda mais polêmico, pois na década de 1970 foram criadas pós-graduações em nível de mestrado em Biblioteconomia, como na *UFMG* (1976), *Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)* (1977), *UnB* (1977) e *UFPB* (1978). Mas, no início da década de 1990 (precisamente em 1991), instituições como *UnB* e *UFMG* modificaram suas pós-graduações de Biblioteconomia para Ciência da Informação. Após este período, as pós-graduações surgiam com o nome de Ciência da Informação, como foi na *UFBA* (1998), *Universidade Estadual Paulista (UNESP)* (1998), *UFSC* (2003) e outras que surgiram no transcorrer histórico.

Paim (2000, p. 105) justifica a mudança:

A mudança do nome da Escola reflete transformações em nível macro decorrentes do deslocamento do paradigma anterior (ênfase na instituição biblioteca) em direção ao novo paradigma que enfatiza o fenômeno informação. O mesmo fato (mudança de paradigma) ocorreu com relação à evolução do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação.

Essa mudança apresenta um paradoxo. Por um lado, incentiva a ampliação do diálogo sobre investigações técnico-científicas em informação. Por outro lado, a Biblioteconomia ficou desguarnecida no que se refere à qualificação de professores e profissionais da área.

Com essa mudança, tornou-se mais comum que pesquisadores/professores de outras áreas ingressassem na pós-graduação em Ciência da Informação e, posteriormente, concorressem a concursos para docente na graduação em Biblioteconomia (em menor escala na Arquivologia e Museologia), modificando relações entre Biblioteconomia e Ciência da Informação, assim como intensificando as interferências de teorias, métodos, modelos e práticas de outras áreas (Administração, Comunicação, Computação etc.) na Biblioteconomia e nas suas práticas de ensino, pesquisa e extensão.





5.5.1 Atividade

Atende ao objetivo “a)” e “b)”

Faça um texto dissertativo respondendo às seguintes questões:

- quais as relações entre Biblioteconomia e Documentação?;
- quais as relações entre Biblioteconomia e Ciência da Informação?

Resposta comentada

A atividade tem por objetivo saber seu nível de fixação de conceitos sobre o conteúdo abordado nesta Unidade. Nos conceitos de Documentação e Ciência da Informação, você pode trabalhar com aqueles apresentados nesta Unidade ou pode buscar outros conceitos na literatura da área. Nas relações entre Biblioteconomia e Documentação e entre Biblioteconomia e Ciência da Informação procure retratar as semelhanças e particularidades/diferenças entre as áreas.

Para fins de exemplificação:

- quais as relações entre Biblioteconomia e Documentação?
 - utilizar as citações/reflexões de Bradford (1961), Buckland (1996), López Yepes (1995), Ortega (2004) e Shera (1980) para formulação da resposta.
- quais as relações entre Biblioteconomia e Ciência da Informação?
 - utilizar as citações/reflexões de Pinheiro (2006) e Zins (2007) para formulação da resposta.



5.6 Atividade final

Atende aos objetivos “a)” e “b)”

Acessando o link <<http://www.crb8.org.br/carreira.php?codigo=2>>; ou <<http://www.crb6.org.br/carreira.php?codigo=2>>; faça uma lista dos Cursos de Biblioteconomia que estejam vinculados a:

- Departamento/Faculdade que contenha o nome “Documentação”;
- Departamento/Faculdade que contenha o nome de “Ciência da Informação.”

Liste de forma separada as escolas que possuam:

- apenas o curso de Biblioteconomia (sem departamento algum que é o caso hoje da *Universidade Federal do Cariri – UFCA*);

- b) Departamento de Biblioteconomia e Documentação;
- c) Departamento de Informação e Documentação;
- d) Departamento de Ciência da Informação (mais usual atualmente), e Faculdade/Escola/Instituto de Ciência da Informação (neste caso, dentro da faculdade/escola/instituto pode haver departamentos de Biblioteconomia, Informação e Documentação).



Resposta comentada

A pretensão da atividade é que você observe as relações históricas entre Biblioteconomia-Documentação e Biblioteconomia-Ciência da Informação nos cursos de Biblioteconomia no Brasil e indique quais ainda hoje preservam o nome de Documentação em seus cursos/departamentos/faculdades/escolas/institutos, visando observar as relações históricas entre Biblioteconomia e Documentação ou que contemplem o nome de Ciência da Informação.

Vale ressaltar que parte considerável dos departamentos ou faculdades que contemplam o curso de Biblioteconomia possui o nome de Ciência da Informação. Por exemplo, a *UFMG* possui a *Escola de Ciência da Informação (ECI)*, contemplando cursos de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. A *UnB* possui a *Faculdade de Ciência da Informação (FCI)* também contemplando os cursos de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. A *UFBA* possui o *Instituto de Ciência da Informação (ICI)*, antes chamado de *Escola de Biblioteconomia e Documentação*, e possui também um *Departamento de Documentação e Informação (DDI)*.

5.7 CONCLUSÃO

Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação possuem relações estreitas que se constituíram no século XX. Porém, essas relações apresentam muitos problemas de cunho político e institucional porque cada área (e seus componentes) buscaram ocupar espaços em uma disputa política de poder científico.

No caso da Biblioteconomia e Documentação, há muitas questões em comum levantadas pelas disciplinas, mas a disputa entre a Documentação europeia e a Biblioteconomia especializada estadunidense, havendo uma rejeição recíproca, inibiram perspectivas mais amplas para o desenvolvimento do campo da informação.

No caso da Biblioteconomia e Ciência da Informação, há muitas questões ainda a serem amadurecidas no contexto das práticas informacionais e das relações disciplinares, mas é preciso deixar claro que Biblioteconomia e Ciência da Informação não se excluem, mas, ao contrário, se complementam, na condição de que a relação entre essas áreas constitui uma realidade interdisciplinar, especialmente pela interferência que uma área apresenta para a outra.

Mas, é preciso considerar que há uma relação de poder entre Ciência da Informação e Biblioteconomia, no sentido de que tem sido comum que a primeira determine os rumos da segunda, criando não simplesmente uma prática interdisciplinar (interação horizontal e recíproca entre as áreas), mas uma prática de arbitrariedade.

Portanto, as relações técnico-científicas no campo da informação precisam ser solidificadas, visando a reciprocidade disciplinar entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação e o respeito pela autonomia de cada uma dessas áreas do conhecimento.

5.8 RESUMO

O campo da informação se desenvolveu muito no século XX pelas diversas relações entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, que formalizaram o campo técnico-científico da informação. Primeiramente, pelo advento da Documentação em fins do século XIX e pelo conflito político vivenciado com a Biblioteconomia. A Documentação de origem europeia e a Biblioteconomia especializada dos Estados Unidos travaram um conjunto de polêmicas institucionais que inibiram o desenvolvimento das práticas documentais e informacionais, pois havia uma soberba política em não admitir os valores das duas áreas e como poderiam crescer de forma conjunta e contribuir para o desenvolvimento do campo da informação.

Em segundo lugar, a Ciência da Informação, que surgiu como uma mescla de várias áreas como a Biblioteconomia, Documentação, Ciência da Computação (recuperação da informação) e temas de estudo como Teoria Matemática da Comunicação e Teoria Geral de Sistemas, deu um novo fôlego nos estudos e práticas profissionais da Biblioteconomia em nível global e nacional. Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação promovem perspectivas de atuação técnico-científica e prática profissional em diversos setores, por exemplo, organização, gestão, tecnologias, fontes, recursos e serviços de informação. No Brasil, há uma polêmica relação entre Biblioteconomia e Ciência da Informação referente à criação da pós-graduação em Ciência da Informação, à mudança do *IBBD* para *IBICT* e à substituição das pós-graduações em Biblioteconomia para Ciência da Informação.



Sugestão de Leitura

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003.

NEHMY, Rosa et al. A ciência da informação como disciplina científica. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 9-25, jan./jun. 1996.

OLIVEIRA, M. de. (Coord.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia**: novos conteúdos e espaços de atuação. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

ORTEGA, Cristina Dotta. A documentação como uma das origens da Ciência da Informação e base fértil para sua fundamentação. **Brazilian Journal of Information Science**, Marília, v. 3, n. 1, p. 3-35, jan./jun. 2009.

RABELLO, R. A dimensão categórica do documento na ciência da informação. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 16, n. 31, p. 131-156, 2011.

REFERÊNCIAS

BARRETO, A. de A. A condição da informação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 67-74, 2002.

BORKO, H. Information science: what is it? **American Documentation**, [S.l.], v. 19, n. 1, p. 3-5, 1968.

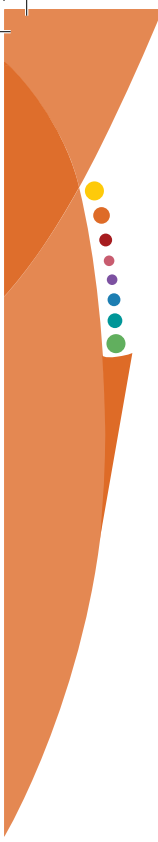
BRADFORD, S.C. **Documentação**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

BUCKLAND, M. Documentation, Information Science and Library Science in the U.S.A. **Information Processing & Management**, [S.l.], v. 32, n. 1, p. 63-76, 1996.

BUTLER, P. **Introdução à ciência da Biblioteconomia**. Tradução de An introduction to library science. Rio de Janeiro: Lidador, 1971.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO; INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Criação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1-2, p. 11-112, 1976.

GOMES, H. E. Experiência do IBBD em programas de pós-graduação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p.13-26, mar. 1974.



LÓPEZ YEPES, J. **La Documentación como disciplina: teoría e história.** 2. ed. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra (EUNSA), 1995.

MIKHAILOV, A. I.; CHERNYI, A. I.; GILYAREVSKY, R. S. **Fundamentos de la Informatica.** La Habana: IDICT/Academia de Ciencias de Cuba, 1973. 2 v.

ORTEGA, C. D. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 5, out. 2004.

PAIM, I. A ciência da informação na UFMG: a trajetória do programa de pós-graduação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 5, n. especial, p. 105-110, jan./jun. 2000.

PINHEIRO, L. V. R. Ciência da Informação: desdobramentos disciplinares, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. In: GONZALEZ DE GOMEZ, M. N.; ORRICO, E. G. D. (Org.). **Políticas de memória e informação: reflexos na organização do conhecimento.** Natal: EDUFRN, 2006. p. 111-129.

SHERA, J. H. Sobre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. In: GOMES, Hagar Espanha (Org.). **Ciência da Informação ou Informática?** Rio de Janeiro: Calunga, 1980. p. 91-105.

TÁLAMO, M. de F. G. M.; SMIT, J. W. Ciência da Informação: a transgressão metodológica. In: PINTO, V. B.; CAVALCANTE, L. E.; SILVA NETO, C. **Ciência da Informação: abordagens transdisciplinares, gêneses e aplicações.** Fortaleza: Edições UFC, 2007.

TARGINO, M. das G. A interdisciplinaridade da ciência da informação como área de pesquisa. **Revista Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 5, n. 1, p. 11-19, 1995.

ZINS, C. Conceptions of Information Science. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, [S.l.], v. 58, n. 3, p. 335-350, 2007.